ANO 16.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1936 N.º 4936

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NA FRONTEIRA DO CAIA

Badajoz continuou hoje a ser bombardeada

Abandonadas pelos soldados e pelos dirigentes lá dentro defendem-se apenas as milicias populares

(Dum dos nossos enviados especiais)

FRONTEIRA DO CAIA, 14—*(Pelo telefone)*. — Atravessámos a fronteira e encontramo-nos já do lado da Espanha.

Para quê tanta resistencia?—preguntava ontem a mim proprio depois de assistir aos varios bombardeamentos aereos de Badajoz e de ter ouvido o consecutivo troar da artelharia, não mui longe da cidade.

Sim, para quê?—volto a inquirir hoje, espantado de que haja ainda ali quem resista ao avanço em forma que as tropas rebeldes fazem apenas por meio da artelharia e da aviação.

—E' uma loucura—dizem todos os que presenceiam este espectaculo belico.

E, com efeito, já só por cega alucinação se compreende que as milicias populares, quasi completamente abandonadas pela tropa e pelos seus orientadores, persistam nas mesmas posições que defendem encarniçadamente.

Em Badajoz, perdida nas trevas densas, por falta de iluminação, ouviram-se tiros toda a noite.

As metralhadoras crepitaram sempre, no seu tic-tac enervante, e as espingardas aguardavam por certo o orvalho matinal para arrefecer os seus canos de aço escaldante.

A's sete menos um quarto recomeça a acção da artelharia ontem interrompida ao escurecer.

Os tiros de peça disparados certamente já de local não muito distante da cidade ribombavam no espaço como fortes trovões.

Quantos?

Seis? Doze ou vinte?

Impossivel contá-los na sua cadencia rapida.

São muitos, muitos que devem partir pelo menos de quatro ou seis bocas de fogo bem municiadas.

Assisto a este bombardeamento do territorio espanhol, instalado no alto da torre do posto da Aduana do Caia. Não é facil seguir os seus efeitos. Apesar da manhã estar muito clara, a cidade, ali em frente, a poucos quilometros de distancia, assemelha-se a uma fotografia mal focada, devido á fumaceira em que está envolvida.

Cuidadosamente tento observá-la de binoculo em punho.

A' esquerda, dominando tudo, está a torre do Castelo recostada no ceu claro desta manhã de verão. Um dos seus cantos superiores está deitado abaixo—efeito dalgumas balas de aviso.

Mais alem, para o sul, ergue-se outra torre, e depois, serena, emergindo do casario fumegante, a da catedral, que me parece intacta. E' noutra direcção, mas do lado posterior, que deve estar a incidir a metralha dos rebeldes, pois vejo adensar-se o fumo á medida que oiço os estampidos brutais dos obuzes.

Ainda não são oito horas. Um avião de caça voa sobre a capital estremenha. Evoluciona apenas; não bombardeia, auxiliando talvez a artelharia proxima. Passados poucos minutos desapareceu por detrás da cidade fronteiriça, dando a impressão nitida de que aterrara. A seis ou sete quilometros de Badajoz ha um aerodromo —o da Bardoca, que talvez esteja ocupado pela coluna que marcha de Sevilha.

CAPITÃO MANUEL BLANCO

que foi nomeado pelo governo de Burgos governador civil de Badajoz

O canhão troa ainda até ás 8 e 45. Depois ha uma paragem: um silencio impressionante que se prolonga por mais de meia hora, somente interrompido pelo zumbido do aeroplano voando a grande altura.

—Parlamentam, dizem alguns carabineiros. E descemos todos da torre muito convencidos de que é o final.

* * *

Estes sublevados estão já cansados de esperar. Mas não parecem más pessoas e sobretudo ainda não cometeram qualquer violencia.

Têm prendido gente suspeita, mas passados os primeiros momentos de palratorio mais brusco, acabam por pô-los sempre em lugar seguro, onde as suas vidas não corram risco.

Em todo o caso alguns deles aparentam por vezes natural enervamento.

Ontem, por exemplo, os quatro extremistas aqui caidos de automovel, ignorando ainda a revolta do posto, foram contidos a distancia, sob a ameaça das espingardas, durante o tempo necessario para lhes ser apreendido o pequeno arsenal que conduziam.

Um cabo de infantaria que ainda ha três dias estava a combater e que conseguiu escapar-se de Badajoz, onde tem dois filhos doentes, o que constitui a sua constante preocupação, encontrava-se de tal modo fora de si que, não me reconhecendo, pegou-me fortemente por um braço e atirou-me para o grupo dos detidos. Foi uma gargalhada geral dos companheiros já familiarizados com «los periodistas»; e a imediata intervenção dos meus camaradas impediu que eu fosse talvez refrescar-me um pouco na casa da guarda agora transformada em prisão.

* * *

Mas o canhoneio não terminou. A guerra—pois não ha duvida de que isto, é a guerra, da mais dura guerra que a historia registará—continua ainda. São nove horas e quinze, e o silencio da natureza volta a ser perturbado pela artelharia, que pretende certamente preparar o avanço da coluna.

Roncam no espaço os motores potentes dum avião. Um trimotor bombardeia agora a cidade, misturando os estampidos dos seus engenhos com o rebentar cavo das granadas. O monstro de duro aluminio, reflectindo os raios de sol que lhe tocam de perto, vai e volta, sempre atarefado. Duas ou três vezes desaparece para tornar a mostrar-se, lançando em cada «raid» numerosas bombas.

A manhã passa-se entre canhoneio e periodos silenciosos que deixam toda a gente cheia de incerteza.

—Que irá passar-se?

—Não sei. Os que aqui estão nada sabem ao certo.

Entre os boatos que chegam vem um que diz estarem os revolucionarios a tentar abrir brechas nas muralhas da cidade para dar passagem ás suas guardas avançadas. Outros são menos optimists. Desorientação, informações desencontradas—eis o que aqui apenas topámos.

O ataque dos rebeldes teve uma longa paragem, ás onze horas. Ao meio dia, ouvem-se mais alguns tiros, e um camarada francês que hoje se nos veio juntar comenta com bom humor:

—Foi o tempo preciso para almoçarem...

O canhoneio, porém, não é demorado. Badajoz volta ao silencio. Um longo silencio, lugubre e apavorante. Apenas o fumo continua a perturbar a tranquilidade desta atmosfera quente.

O principal foco que alimenta a fumaceira está agora localizado em torno da catedral.

Quem sabe se as maravilhosas pinturas de Morales deram já a sua contribuição para esta fogueira tragica...

MARIO NEVES

A's 16 e 45

FRONTEIRA DO CAIA, 14, ás 16 e 45, (Pelo telefone).—Desde o meio dia que as detonações fortes são em menor numero e bastante mais espaçadas, o que leva a crêr que a cidade estará já em parte ocupada pelas forças do exercito sublevado.

Marchando pela estrada, quasi deserta, aproximamo-nos da capital extremenha até cêrca de três quilometros.

Pessoas que encontramos pelo caminho, e que fogem ao bombardeamento, aconselham-nos a não prosseguir, afirmando que muitos milicianos vêm fugindo pela Porta de Palma e se escondem no arvoredo espesso que existe ao passar a ponte.

As pessoas que nos falam não saíram do coração da cidade; julgam, porém, poder afirmar que o forte de S. Cristovam foi ocupado ontem pelos rebeldes, que dali, e com a sua artelharia, protegem o avanço das tropas sobre a praça. Acrescentam que, assim protegidas, as forças do Tercio entraram na cidade hoje ao meio dia pela Porta Trinidad.

Dizem tambem que a coluna rebelde já ocupou toda a estrada de circunvalação.

Em Badajoz batem-se ainda com metralhadoras e espingardas, segundo nos informam, três mil elementos das milicias e duzentos soldados de varias unidades.

Damos estas noticias sob reserva, por não termos ainda podido entrar na cidade fronteiriça, a fim de obter a sua confirmação.

A's 16 e 30 um avião, voando ainda mais baixo que ontem, lançou poderosas bombas. A' mesma hora intensificou-se tambem o canhoneio. — *M. N.*

Uma visão dos horrores

que se passam em Malaga

A bordo do vapor «Malaga», e procedentes da cidade do mesmo nome, passaram hoje pelo Tejo aproximadamente cem argentinos e chilenos que com suas familias ali residiam e vêm fugidos aos horrores da guerra civil.

Falamos com alguns deles, que nos disseram haverem saido daquela cidade espanhola na noite de sabado ultimo.

—Não podiamos mais.—dizem—A vida ali tornou-se impossivel. As nossas mulheres e os nossos filhos haviam atingido o maximo do terror, já á beira da loucura.

Efectivamente, as senhoras e as crianças que vimos a bordo do «Malaga» trazem estampado no rosto o espanto causado pelos horrores que ali presenciaram.

—Continuam os incendios?

—Não tão intensamente, porque dos edificios grandes já poucos restam por incendiar; mas, um ou outro que escapou na cidade, ou na «Caleta», volta a ser incendiado. Na «calle Larios», a melhor de Malaga, não resta um unico predio.

«Não se queima mais, porque já tudo está queimado»—dizem, acrescentando que a fuzilaria é permanente e que os vermelhos não descançam na tarefa de perseguição aos elementos das direitas e todos que possuam ou dirijam qualquer estabelecimento industrial ou comercial.

—As colunas rebeldes anunciam a proxima tomada de Malaga.

—Devem estar a chegar, respondem—parece mesmo que uma já vem por Estepona e que outra tomou Antequera. Nós é que não podiamos mais!

O «Malaga», que é um barco de carga, acostou ao cais da Desinfecção pelas 15 horas e seguirá hoje para Buenos Aires e para o Chile afim de desembarcar os passageiros, entre os quais alguns alemães, e todos repatriados pelos respectivos países.

ANASTACIO FERNANDES

Faz hoje oitenta anos o Anastacio Fernandes, o conhecido «bric-a-braquista» lisboeta da rua de Santo Antão, onde vive ha setenta invernos e onde foi antes que o negocio de antiguidades o tentasse, o mais popular e sabedor instrutor de cavalos de tiro que houve em Lisboa, tendo privado com todos os Marialvas elegantes desse tempo.

Visita ministerial á Lourinhã

Em virtude dos seus multiplos afazeres, o sr. ministro do Interior não visita a Lourinhã no proximo domingo, 16.

O sr. dr. Carneiro Pacheco, que era acompanhado pelo sr. ministro das Colonias e governador civil de Lisboa, visitará aquela vila oportunamente.

Agressão á facada

O agente Jorge de Vasconcelos, da P. I. C., prendeu o carroceiro Luiz Bentes, o «Sete Arrobas», e Urbano da Luz, o «Rabanete», que ha dias agrediram a facada os irmãos Eduardo e José de Oliveira Razões os quais se encontram no hospital de S. José gravemente feridos.

Os presos confessaram o crime.

CAMBIOS

Hoje		Venda
Londres	110$00	110$20
New-York	21$87.7	21$91.6
Paris	1$41 0	1$44 3
Berlim	8$80,9	8$81.6
Madrid	2$8?.0	2$92 5
Amsterdam	14$84,9	14$87 6
Bruxelas	3$48,4	3$69 1
Roma	1$72,2	1$72 5
Zurich	7$13.0	7$14 3
Praga	$90,4	$90 6
Rio de Janeiro	1$27.5	1$27,7
Libra ouro	-	-

J. Martins Pereira
reabriu a clinica
Consultorio: Rua Alves Correia, 93, 1.º

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Definitivamente, é hoje, á noite, que a companhia Maria das Neves, realiza no Maria Vitoria, o ensaio geral da sua nova revista «Feira de Agosto», que não poude efectuar-se ontem por motivos imprevistos, mas que terá lugar como um autentico espectaculo para o publico, com todos os cenarios, guarda-roupa, adereços e os elementos da companhia que a vão interpretar, na totalidade de 60 figuras, que tantos são as actrizes, actores, discipulas, «girls», bailarinos e comparsas.

—Na proxima terça-feira seguem para Luso a fazer uma cura de aguas os artistas Lucia Mariani e Assis Pacheco.

—Os interpretes masculinos que vão realizar no Variedades, na proxima quinta-feira, a nova revista de Alberto Barbosa, José Galhardo, Vasco Santanã e Amadeu do Vale, «Arre, burro!» são os actores Vasco Santana, Antonio Silva, Santos Carvalho (Ricardo), no «compére», Barros Lopes, Artur Rodrigues e Mario Fernandes.

—«S. O. S.» é o titulo de uma peça de emoção que se cuida de fazer representar ainda este verão, por iniciativa do actor Rafael Marques e doutros seus colegas.

—Maria Salomé e Jorge Grave vão participar, com Hortense Luz, nos espectaculos de revista que Erico Braga vai este verão, apresentar no Estoril.

—O Teatro do Povo vai amanhã e no domingo representar-se em pleno Bairro da Madragoa, fechando, assim, o ciclo dos espectaculos deste ano.

—O actor Alberto Ghita faz parte do elenco da companhia que vai realizar a «tournée» Mirita Casimiro ao Porto.

—O teatro Avenida, de Vizeu, está sendo provido de uma nova instalação electrica, devendo estar pronto a funcionar nos primeiros dias de outubro.

—Hoje, amanhã e no domingo são as ultimas noites, no Variedades, da peça popular «Morena-Clara», que vai sair de cena em pleno sucesso.

—Partiu para o Porto, onde vai passar as suas ferias, o escritor teatral Abreu e Sousa.

—Regressa brevemente de Asseiceira a gentil actriz Miquelina Rodrigues.

—Mirita Casimiro, no regresso da sua «tournée» fará a filmagem de uma obra cujo argumento pertence á parceria de escritores teatrais Alberto Barbosa, José Galhardo e Vasco Santana, realização de Leitão de Barros.

—A estreia da companhia Maria Matos, no Avenida, na temporada de inverno, efectua-se no dia 20 de Setembro com a comedia «As meninas Pires», original de Felix Bermudes, Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa.

—A começar de amanhã, o Coliseu passará a dar, durante o verão, espectaculos de cinema, apenas aos sabados e domingos, com programas sempre diferentes. Nos domingos ha «matinées» com entrada gratuita ás crianças devidamente acompanhadas.

Programas de hoje

ODEON — Telef. 2 6283
A's 21 e 15
Tudo por amor

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163
Olho de Bandidos

Os cartões de convite com 50 0|0 são validos todos os dias, de tarde e a noite, nos 2 cinemas, excepção aos domingos.

CAPITOLIO
A's 21 e 30
Preços populares
As 4 Irmãs
Lição de amôr

PAVILHÃO PORTUGUÊS
Alegres Foliões
Na pista do crime

BOLSA DE LISBOA

14 de agosto

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3|4 1934	1.174$00	1.173$00	1.175$00
Consolidado 5 1|2 0|0 1933	1.117$00	1.115$00	1.119$00
» 4 1|2 0|0 1933	1.039$00	1.038$00	1.040$00
» 4 0|0 1934	998$00	—	999$00
Externo 3 0|0 1.ª Sér.	1.765$00	1.760$00	1.765$00
» 3 0|0 2.ª »	1.900$00	—	—
» 3 0|0 3.ª »	—	1.761$00	1.764$00
Emp. 4 1|2 0|0 1912 ouro	—	—	2.250$00
» 6 1|2 0|0 1930-Cons.	505$50	505$50	—
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	—	455$00
Lisboa & Açores, port.	—	385$00	—
Portugal, portador	—	—	1.170$00
Espirito Santo	—	—	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	910$00	940$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	208$00	211$00
Nacional	—	—	—
Nagres	—	1.100$00	—
Tagus	—	920$00	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria	—	50$00	—
» » privilegiadas	18$00	17$00	19$00
Aguas de Lisboa, port.	—	240$00	260$00
Cerveja Estrela	—	357$00	360$00
Cimentos de Leiria	—	20$00	21$00
Credito Predial	—	—	—
Gaz e Electricidade	310$00	309$00	310$50
Portugal e Colonias	69$20	69$10	69$20
Navegação	—	73$50	73$50
Portuguesa de Pesca	-	255$ 0	258$00
» de Tabacos	404$00	404$00	405$00
Tabacos de Portugal	—	—	57$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	238$00
COLONIAIS			
Açucar de Angola	385$00	384$00	386$00
Dust — 1.ª Emissão	—	31$00	35$00
» — 2.ª	—	31$00	—
Ilha do Principe	—	365$00	390$00
Obrigações			
C. P. 6 0|0	340$00	335$00	345$00
Prediais 6 0|0 — 1932	—	91$00	92$00
» 7 0|0	—	111$00	111$50
União Elect. Port. 7 1|2	—	-	121$.0
Dust 9 0|0	115$00	114$50	115$50
» 6 1|2 0|0	108$50	108$50	109$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO 69

HOJE
AMANHÃ
e
DOMINGO
As 3 ultimas noites, no VARIEDADES, da peça
MORENA-CLARA

38 38

COMPANHIA DOS TELEFONES
AO PUBLICO
ESTAÇÃO «POÇO DO BISPO»

Previne-se os Ex.mos Assinantes e o Publico em geral de que, a partir das 17 horas de **hoje**, 6.ª feira, 14, a ligação á Estação do Poço do Bispo se obterá **marcando "38"** em vez de «8» como até aqui.

38 POÇO DO BISPO 38

COMEMORANDO A BATALHA DE ALJUBARROTA

A ROMAGEM PATRIOTICA A S. JORGE E A' BATALHA

foi uma impressionante afirmação de fé nos destinos da Patria

(Do nosso enviado especial)

A romagem nacionalista e patriotica hoje realizada aos campos de Aljubarrota e á Batalha atingiu um brilhantismo invulgar.

A par disso—a significação da solenidade oficial e das manifestações populares foi indiscutivel. Todos os actos se revestiram de uma convicção profunda, mesmo de uma bela serenidade, que não exclui vibração plena de fé.

O dr. Oliveira Salazar precisamente ha um ano declarou:

—Aljubarrota, Atoleiros, Valverde... são vitorias mas não gritos de odio. Não são hoje contra ninguem, são por nós mesmos.

A manifestação civica de hoje, com um certo aspecto militar discreto e um indispensavel espirito religioso—elo que liga o passado ao presente—teve grandiosidade.

A propria simplicidade tocante de alguns actos aumentou a penetração espiritualista da evocação patriotica.

Os discursos proferidos, e a que nos referimos adiante, foram, por outro lado, um reflexo do «estado da alma nacional» no momento que passa.

Nobilissimas palavras, ponderadas reflexões!

A romagem de hoje, repetimos, teve significação.

Foi ainda uma tentativa, para mais largas realizações, mas já com extraordinario fulgor. Bem merecem os organizadores desta jornada, á frente da qual se encontrou o dr. Madeira Pinto, da U. N., com a sua exacta visão dos interesses nacionais, na sua relação com as almas moças, e com a sua extraordinaria actividade.

O espectaculo seria apenas decorativo se por trás dele não estivesse um grande sentimento nacionalista, uma poderosa visão retrospectiva do passado glorioso e condutor do presente e do futuro.

Nun'Alvares—sombra branca santificada—transpareceu num cenario magnifico sob o fundo maravilhoso de trofeus, estandartes, bandeiras e pavilhões.

A romagem patriotica que dentro de poucas horas vai começar, é de facto —nacional. São 7 horas da manhã e o movimento de povo, que vem a pé, dos lugares mais afastados da região, descendo dos alcantilados ou subindo dos vales, é a um tempo grandioso e pitoresco. Por Leiria vieram centenas de camionetas e automoveis do norte e da Beira; por Alcobaça, inumeros carros do sul, nomeadamente de Lisboa.

E' uma romagem expressiva: com certo aspecto risonho de romaria, que por enquanto o sol encoberto não acompanha.

Crianças das escolas primarias dos concelhos mais pêrca, e algumas de longe; delegações, representações, alunos de institutos e escolas profissionais, tudo somando milhares de figuras, conduzidas numa disciplina indispensavel, dão aos campos da historica Aljubarrota, e ás redondezas de S. Jorge uma caracteristica nova, saudavel.

Estandartes de Camaras Municipais, de Sindicatos, de Associações, de corporações, de instituições patrioticas são em numero de muitas e muitas centenas.

Ouvem-se cantos patrioticos das bocas infantis. Estremunhados ainda da viagem nocturna — as crianças rapido tomam contacto com a alegria da romagem, integrando-se no seu pensamento.

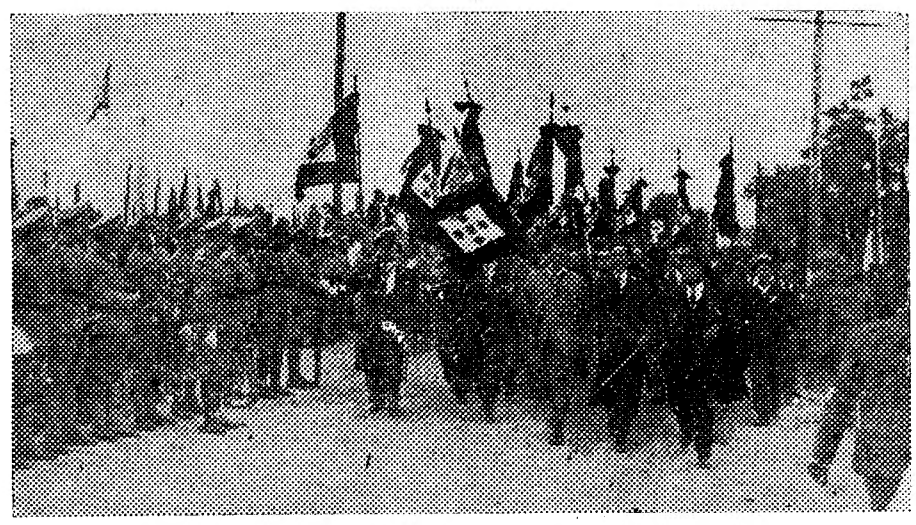
Alcobaça e Leiria toda a noite estiveram em bulicio. Mas agora todo o seu ruido desusado se transferiu para S. Jorge.

A's 8 horas da manhã o logarejo arrabaldino que guarda as tradições de Nun'Alvares oferece um deslumbramento cenico.

A organização superior desta romagem, promovida pela União Nacional, pode considerar-se impecavel.

Em redor de S. Jorge

A capela branca, quasi núa, despida de galas liturgicas, de uma bela simplicidade arquitectonica — um altar,



Os presidentes das Juntas de Freguesia de Lisboa durante o desfile

uma lapide gotica, um alpendre extremenho — está rodeada de mastros brancos, nos quais se ostentam centenas de bandeiras de Aviz e de Cristo, do tipo da epoca.

O campo do Olival — concentração da multidão com representação no cortejo — descongestiona o local.

A pouco e pouco isto torna-se espectaculo, digno de filme. Ha uma certa humildade no local; o proprio templo é capela; a propria capela pouco mais é do que ermida, amparada a cunhais vetustos, de patina do tempo, a dar-lhe lustre heroico. Pelo chão de lage velha, ramos de oliveira.

Tem este espectaculo, contudo, sob um fundo natural de pinhais e olivedos um ar triunfal. Floresta estendida de estandartes multicolores, blazonados, e de mastros altos, evocando a epoca da Ala dos Namorados, rodeiam S. Jorge, o local onde Nun'Alvares orou á Virgem, segundo a tradição, nas vesperas de Aljubarrota — 14 de agosto de 1385.

Alinha-se infantaria 7, com sua banda; alinha-se a guarda de honra.

Espera-se o Chefe do Estado, o presidente do Concelho e o governo.

Do alto do minusculo templo ás 9 horas—o termo de Aljubarrota torna-se surpreendente de movimento e de colorido.

Ainda não descobriu o sol.

A chegada do chefe do Estado

Só ás 9 e 55 uma girandola de foguetes—indispensavel nestes ajuntamentos populares festivos—anuncia que vêm perto os srs. Presidentes da Republica e do governo, e demais ministros.

Diante do alpendre de S. Jorge encontram-se oficiais superiores da marinha e do exercito, governadores civis e presidentes das Camaras, vereadores.

Os 310 estandartes municipais, recamados de oiro, e alguns de condecorações,—azul de Torre e Espada—á frente dos quais se encontram o alvonegro de Lisboa e o vermelho brocado do Porto—logo Coimbra, Braga, Evora —agitam-se, e elevam-se.

O transito que parecia não acabar, cessa como por encanto.

Em automoveis chegaram os membros do governo, e logo a seguir o sr. Presidente do Conselho, e o sr. Presidente da Republica, com a sua farda estrelada.

A banda toca a «Portuguesa», e o sr. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, este na qualidade de Ministro da Guerra, seguidos do comandante passam revista á Guarda de Honra.

Uma ovação estrepitosa acompanha este acto meramente militar.

As bandeiras historicas

O cerimonial em S. Jorge tem apenas um caracter simbolico. E contudo, na singeleza do acto nada mais belo.

O sr. Presidente da Republica, acompanhado pelo sr. dr. Oliveira Salazar, e pelos membros do governo, entra no templo e, em atitude respeitosa, simples, talvez emocionado, depõe no chão razo, defronte do frontal do altar de S. Jorge, um ramo de flores.

E' o preito oficial do presente a um passado de ha três seculos e meio.

Uns momentos de silencio dentro do templo. E logo o Chefe do Estado corta o alpendrado, entra na estrada, e, defronta para a capela, perfila-se num respeitoso sinal de atenção ás glorias antigas, rodeado das entidades oficiais.

Nos quatro mastros altos que enfrentam S. Jorge, adiante das pequenas colunas de simples talhe—sobem então as quatro bandeiras: a nacional verde rubra; e de D. João I, fundo branco enquadrado em vermelho, com flores de liz verdes e castelos de oiro; a de Nun'Alvares, de cantos esquartejados, iluminuras religiosas inspiração do futuro Nuno de Santa Maria; e a de Aviz, verde e branca, com a Cruz da Ordem.

A continencia do Presidente da Republica, as marchas militares, os toques de clarins, o erguer vivo da floresta de estandartes das Camaras—evocação de todos os pergaminhos municipais, dos velhos burgos e castelos—imprimem ao cerimonial uma nota alta de devoção patriotica, de grandesa espiritual, neste campo aberto, enevoado, rodeado de paz rustica.

Reboa a artilharia: 21 salvas do estilo aos pavilhões representativos do espirito de Aljubarrota.

Ás bandas tocam a Portuguesa e os orfeões cantam—enquanto a artelharia resôa ainda—os versos de Lopes de Mendonça;

«Levantai hoje de novo
o explendor de Portugal!

São por milhares os pendões e trofeus erguidos. E nos comoros, nas distancias, por entre olivedos e milharais, o povo da região ante este espectaculo singular, aplaude.

O cortejo

Pouco depois das 10 e 15 organizou-se um grande cortejo no qual se incorporaram milhares de crianças e as entidades oficiais.

Abria-o a banda do Patronato de Nun'Alvares, logo seguida de cerca de 300 representantes da Mocidade Portuguesa do Porto dirigidos pelo sr. coronel Namorado de Aguiar e exibindo pequenas bandeiras de papel com as quinas de Portugal.

Após estes, marchavam os portadores de centenas de bandeiras de todos os municipios do País, levando á frente as das Camaras de Lisboa e Porto.

Depois: representantes dos Sindicatos Nacionais e das Casas do Povo, com os procuradores á Camara Corporativa,, comissões da União Nacional e Juntas de Freguesia com os respectivos estandartes, e, á frente deles, o da U. N. da Batalha.

Seguia-se uma fila interminavel de alunos das escolas primarias e superiores do Porto, e bem assim das primarias de Lisboa e de todos os distritos do País, com flôres e retratos dos srs. presidentes da Republica e do Conselho.

Por fim, os orfeões academicos de Lisboa e Porto; os asilos de Lisboa com as respectivas bandas de musica; organizações desportivas de todo o País, com distintivos galhardetes e bandeiras; corporações de Bombeiros Voluntarios, mais Casas do Povo, etc.

As crianças das escolas da Batalha e da Beirã apresentaram-se uniformizadas de maneira muito curiosa dando a impressão de pequeninos soldados.

A chegada á Batalha

Chegado o cortejo á Batalha, a entrada no templo fez-se com uma organização impecavel.

A' frente, as Camaras Municipais, escoteiros, sindicatos, casas do povo, mocidade escolar, comissões da União Nacional, Juntas de Freguesia de Lisboa, escolas, orfeões, representantes de organizações corporativas, todos se fôram arrumando sucessivamente, sem precipitações, nos lugares que previamente lhes haviam sido destinados.

Fóra do mosteiro, o espectaculo, já sob o sol que surgira, era admiravel.

Lá dentro, os milhares de estandartes que a essa hora se haviam concentrado dava ás três naves do templo um aspecto triunfal.

E foi de admirar a compostura de muitos milhares de crianças de todas as regiões e concelhos que iam tomando os seus lugares.

Entretanto chegavam as altas individualidades militares e civis, entre as quais se via o sr. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembléa Nacional.

Dentro do templo

Terminada a demorada arrumação dentro do templo, e instalada detrás do altar-mór a orquestra da Emissora Nacional, preparou-se sob o portico a recepção ao Chefe do Estado e aos membros do governo.

Era meio dia em ponto. O palio, a cujas varas pegavam as pessoas mais gradas da Batalha, adiantou-es até ao largo fronteiro. Fizeram-se os cumprimentos da etiqueta e o Chefe do Estado, tendo á sua direita o sr. bispo de Leiria e um pouco atrás o sr. dr. Oliveira Salazar, tomou lugar sob ele.

Uma vez dentro do templo, o sr. general Carmona e todo o governo, acompanhados pelo prelado, entraram na «Capela do Fundador». Visita rapida. O bastante para lêr as legendas dos tumulos dos infantes.

De novo sob o palio, o sr. Presidente da Republica dirigiu-se então para a capela principal, indo instalar-se numa cadeira alta, do lado do Evangelho, os srs. dr. Oliveira Salazar, dr. José Alberto dos Reis, ministros da Marinha, Obras Publicas, Educação Nacional e Agricultura, e Sub-Secretarios de Estado das Finanças e das Corporações a ladearem-no.

Por detrás, em filas de cadeiras, os governadores civis e outras altas individualidades.

Do lado da Epistola viam-se, entre outras pessoas de categoria, os srs. duques do Cadavel, unicos representantes que actualmente existem da familia de Nun'Alvares.

A' entrada da capela, prostava-se, com a respectiva bandeira, uma numerosa delegação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

O «Te-Deum»

O sr. Bispo de Leiria, acolitado pelos reverendos Galamba de Oliveira e Negrão Maia, celebrou depois o «Te-Deum», que foi acompanhado a grande instrumental.

Antes, o rev. dr. Avelino Soares, do Porto, subiu ao pulpito e proferiu uma alocução patriotica que foi muito merecidamente apreciada.

—Aquele a quem a Nação obedece jubilosa—disse—declarou que viria aqui o maior numero de portugueses. Com efeito, aqui estão presentes todos —peregrinos e paladinos—á sombra do passado e confiantes nas prosperidades do futuro.

Outras passagens do discurso:

—Nestes lugares santificados vimos todo nós cobrar alento para novas lutas do espirito em favor da Patria... A nossa alma abre-se aqui á sugestão sadia do ambiente, permitindo que se encarem cheios de maior fé todos quantos estão a construir através de sacrificios o futuro da nação.

O orador teve palavras de piedosa

(Vêr continuação na pagina central)

A ROMAGEM PATRI

O chefe do Governo afirmo

"Não pode haver portugueses orientada, dirigida, auxiliada, p

O chefe do Estado e o sr. dr. Oliveira Salazar durante o desfile do cortejo civico que se dirigiu á Batalha

(Continuação da 3.ª pagina)

evocação para todos os que tombaram no seu posto, soldados desconhecidos de todos os tempos, e acrescentou:

—Aqui na Batalha está o espirito da Independencia; lá em baixo, junto ao Tejo, nos Jeronimos, está o Imperio.

Assinalando que não pode abstrair-se do espirito religioso nas coisas da Patria, disse:

—Esta é a razão porque em Portugal começamos quasi todos a entender-nos, convencidos de que não ha estrutura social fundada na ordem e na justiça que não se alicerce na cristianização do sentimento e do espirito.

Concluiu assim:

—Portugal, país de civilizados e de civilizadores, não pode esquecer o seu passado que é, todo ele, um apostolado de fé religiosa. Bem haja quem nos conduziu assim!

Terminada a cerimonia religiosa, todos se dirigiram para o claustro e dali para a «Sala do Capitulo», dentro da qual se encontrava apenas, muito firme, de sentinela, um humilde soldado.

Entraram o sr. Presidente da Republica, o sr. Bispo de Leiria, o sr. dr. Oliveira Salazar e alguns ministros que se mantiveram em silencio durante 3 minutos ante o tumulo do Soldado Desconhecido.

Os discursos

Momentos depois,—eram 13 horas—todos os presentes se dirigiram para o terraço do mosteiro, que domina a vila.

E ali, sobre um estrado, começaram os discursos, tendo-se visto em apuros os operadores e os engenheiros da Emissora Nacional para instalar as linhas telefonicas, tamanha era a aglomeração de povo.

Um grande friso de bandeiras e estandartes emmoldurava os relevos goticos do monumento.

Fala o representante da Mocidade r Portuguesa

Conseguido silencio a muito custo, falou em primeiro lugar o estudante da Falculdade de eMdicina do Porto, sr. Carlos Alberto Martins da Rocha, em nome da Mocidade Portuguesa.

Disse assim:

«Portugal, a Patria sempre nova e quasi milenaria, que a seiva cristã informa e ilumina, no transe aflitivo que oprime a Humanidade, espera e confia nos seus filhos mais novos, nos homens de amanhã...

Almas benditas, os homens de hoje, em sacrificio perene e em esforço tenaz, reanimaram a chama que iluminara e aquecera o Mundo, combustão viva da essencia eterna, acrisolada de virtudes e lavada em sangue de Cristo, da Patria portuguesa muito amada!

O desforço magnifico do Exercito de Portugal, num dia de Maio aureolado de gloria, levou a uma *Nova Era*, sob o signo de Salazar, cujo merito, bem mais do que no progresso material evidente, que o tempo, no entanto, destroi e consome, está na integração perfeita e completa da Nação, na continuidade indissoluvel do pensamento universal português—E Cristo, a familia, e a Patria, reconquistaram os direitos plenos e absolutos!

Nós, os jovens de Portugal, nós que temos generosidade e temos coração, queremos tambem firmemente que o Ideal Português reacendido, jamais se extinga.

Nós queremos que a Patria portuguesa, descanse serena na sinceridade dos nossos corações. E para estimular a nossa coragem e o nosso entusiasmo, nós, jovens de Portugal, pequeninos e grandes, em hoste atenta e vigilante, viemos a Aljubarrota, comungar, em frémito ardente e em vibração unissona, daquela seiva de gêma, inundada de ideal, que nutrira as almas dos cavaleiros, moços como nós, que defenderam a Patria amada na batalha memoravel de 14 de Agosto de 1385.

Viemos para viver e sentir mais fundamente a nossa força, a força da juventude... E' que Aljubarrota, momento culminante em que se define a Historia de Portugal, em sintese é uma mocidade em flôr: O rei João I, o Condestavel e os Namorados.

Nós viemos tambem para gravar nas nossas almas a lição magnifica que de Aljubarrota se deprende... Prodigio de estrategia do Santo Condestavel, ou milagre de Deus; Aljubarrota não é no sentido mais amplo e profundo uma luta entre inimigos, não é um facto isolado na relatividade do tempo e do espaço: E' Portugal que se desprende e liberta, para poder voar na sua ansia do infinito, cobrindo o Mundo, do extremo Levante ao extremo Ocidente, com um manto de estrelas acesas pela Fé, e tendo intimamente gravadas no seu seio a Cruz de Cristo e as sagradas Quinas.

Aljubarrota é o iman absorvente que atrai e unifica a totalidade da epopeia portuguesa, unificação que se objectiva e se sente, no latejjarj comunicativo das suas almas, gótica e manuelina, do Mosteiro de Santa Maria da Vitoria.

Com as almas aquecidas pelo espirito vibra nas terras sagradas de Aljubarrota, nós havemos de irradiar o Ideal de beleza que viemos aqui viver em pensamento.

Queremos ser soldados do Ideal santo de Deus e da Patria, queremos estar a postos, preparados, para o defendermos contra todos aqueles que no-lo tentem arrebatar, como se fora possivel constranger a mocidade ansiosa e sedenta de verdade e de luz! (Aplausos).

Sentindo e compreendendo o nosso veemente desejo de servir e defender, eficaz e efectivamnte este Ideal sagrado, almas carinhosas, os Homens de hoje, vieram ao encontro... e criaram para nós a «Mocidade Portuguesa», que, abrangendo e irmanando a juventude que estuda e a juventude que trabalha, será a Mãi valorosa, que á semelhança de Filipa de Vilhena, comunicará aos seus filhos a coragem, a força e o caracter que os hão-de transformar em verdadeiros e briosos soldados de Portugal!

Tomaremos por Patrono Nun'Alvares, e nunca esqueceremos o exemplo vivo de Martim Gonçalves de Macedo, cavaleiro moço, que nos campos de Aljubarrota, com braço denodado e forte, aniquilou um cavaleiro inimigo que cusara tentar contra a vida de D. João I.

Tambem nós queremos, como Ele, com a força dos nossos braços, que é a força das nossas almas, defender custe o que custar, a integridade sacrosanta da Patria.

—A' luz de Aljubarrota, nós, «Mocidade Portuguesa», juramos guardar e defender até á ultima gota do nosso sangue, o tesouro glorioso que temos gravado no coração e que ninguem poderá arrebatar: *O Imperio Sagrado de Portugal!*»

O discurso do ministro da Educação Nacional

O sr. dr. Carneiro Pacheco, ministro da Educação Nacional, proferiu depois o seguinte discurso que foi repetidas vezes interrompido por vibrantes aplausos:

Mocidade Portuguesa

Destes sagrados lugares da batalha que ha 551 anos decidiu da independencia da nossa Patria e, por ela, dos destinos do mundo, dirijo-me a vós todos os que sois a juventude de Portugal.

Porque estais hoje aqui, em enorme representação de todos os cantos da nossa terra, e em espirito mais numerosos ainda do que em material presença?

Que força impeliu as vossas almas, como se fôra um só, a estes sitios de Aljubarrota?

Acaso, como nos tempos sombrios que precederam a reacção gloriosa de D. João I e de Nun'Alvares, anda a Nação desagregada pela ausencia da autoridade, pelas ambições do mundo e pela delapidação dos governantes?

Acaso, como então, enfraquecidas as fronteiras pela decedencia interna, algum vizinho ambicioso e insensato ameaça rompê-las?

Os vossos corações juvenis respondem-me com tranquilo orgulho:

Não!

Portugal oferece hoje ao mundo o exemplo invejado duma Nação unida em volta de ideais superiores que se não discutem e dum Estado forte, sem deixar de ser humano que só procura realizar o Bem Comum.

Não! respondeis-me ainda.

Riscadas com o sangue heroico dos nossos maiores, garantidas por um direito oito vezes secular, iluminadas por uma Nova Renascença Patria, as fronteiras de Portugal nunca foram nem mais vivas nem mais respeitaveis.

A que viestes, pois?

* * *

Esta romagem nacional, que desde o Chefe do Estado ao humilde pastorinho da serra reune os portugueses em comunhão patriótica, mas sem nenhuma intenção agressiva, tem um sentido nobre e profundo de defesa do património espiritual da nossa Raça.

A Humanidade atravessa uma grave crise nos alicerces da sua própria organização politica e social, ameaçada de ruir pela renuncia de toda a autoridade, pelo nivelamento de todos os valores, pela dissolução das instituições essenciais, pela negação do direito e pela obliteração das regras mais elementares da moral.

Um vento de insania e de materialismo esterilizador ameaça por toda a parte queimar as concepções idealistas da Patria, de familia e de dignidade humana.

Onde a hierarquia, e bem, a justiça e a espiritualidade são tradicionais fundamentos duma vida social próspera e feliz, as doentias abstracções dalguns e a ingenuidade de outros, desenfreando e excitando os baixos instintos de muitos, comeiam a anarquia, a imoralidade, a violencia, o paganismo, e, com estes males, a miseria e a desolação.

Para amolecerem o sentimento nacional e entibiarem a sua defensiva reacção contra as infiltrações dissolventes, os novos bárbaros afirmam-se pacifistas, capcioso preludio duma guerra de exterminio e de escravidão que pretendem desencadear no mundo.

Como se a paz e a amisade entre os povos fossem possiveis quando sejam ausentes a autoridade e a moral!

Dum lado está a civilização cristã, património multi-secular de uma ética e de uma cultura acumuladoras de benemerencias, sobre as quais se edificaram a dignidade da pessoa humana, a gloria das nações e a solidariedade entre estas.

Do outro lado está o comunismo, partido da destruição de toda a estrutura moral individual ou colectiva, traiçoeiro inimigo de fronteiras invisiveis, que assenta arraiais nas vis paixões do homem e procura enlouquecer todos os povos para os perder no suicidio.

Certa de que não estão apenas em jogo os interesses transitorios ou contingentes duma geração, mas os proprios destinos da civilização e da nacionalidade, a Mocidade Portuguesa toma uma posição clara pela civilização cristã e prepara-se para a luta contra todo o anti-Patria, desde a formação do seu espirito até á consagração da sua vida.

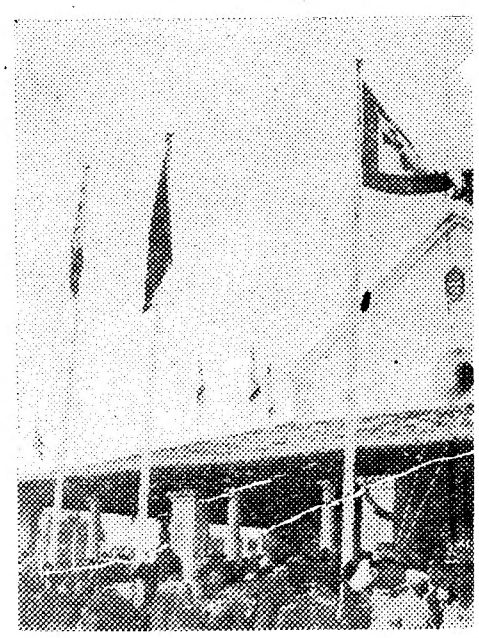
Para vigorizar a alma colectiva, ao serviço da Patria portuguesa, a juventude formará a frente unica da moral, da inteligencia, da acção e da fé, contra os instintos inferiores da Humanidade.

Combatendo sem treguas, e na primeira linha, todo o suspeito internacionalismo, seja qual fôr o disfarce, e os seus agentes ou cumplices, estejam onde estiverem, a Mocidade Portuguesa constantemente recordará pelo seu exemplo, que os deveres do espirito e da consciencia impedem, como uma desonra, a neutralidade perante os riscos da existencia nacional.

Em preparação para o bom combate, e para que á defesa da Patria as gerações em formação possam dar todo o vigor, a organização e a vida da Mocidade Portuguesa hão de ser impregnadas das virtudes militares.

* * *

Assim se compreende bem a vossa presença aqui, em corpo ou em pensamento, de



Em frente da capela de S. Jorge,

TICA A' BATALHA

no discurso que proferiu

cuja actuação politica seja ga por potencia estrangeira"

, junto do altar-mór do nacionalismo pa-lo.

Antes de tudo, viestes em romagem de fé, ra elevardes o espirito a Deus e pronun-ardes o vosso *Credo* nos destinos eternos Portugal independente e cristão.

Viestes, para despertades, destas altas mmiadas do civismo, os portugueses ainda dormecidos no erro e para ergue-los ao no-e ideal de colaborarem no engrandeci-ento da Patria.

Viestes, como simbolo da unidade moral Nação e das suas esperanças, oferecer á tria, pela voz da terra e da escola, a in-ansigente vontade de a servides, com o aço ou com o espirito, sempre pelo co-ção.

Viestes, em alegre e altivo sentimento pa-o, associar aos feitos heroicos dos vence-res de Aljubarrota, na continuidade ma Historia gloriosa, a gloriosa salvação Portugal nos tempos de hoje.

Viestes, em piedoso recolhimento, á Ca-la do Fundador, junto das raizes da gran-dinastia de Aviz, perpétua aliada do nto Condestavel, para fortalecerdes a alma m a seiva mais cristalina do patriotismo. E que recundas inspirações levais daqui ede a energia calma de D. João I e a ge-al temeridade de Nun'Alvares, nunca en-hecidos os dois serviços da Patria, até luminosas lições, de valor e de virtude, inclita geração de altos infantes, dignos grande mãi e educadora Filipa de Len-stre!

Todos foram obreiros duma Era Nova, de constituição e de engrandecimento patrios, para ela contribuiram com a afirmação ma personalidade construtiva, que a Pro-dencia fez diversa em cada um para que exito da empresa civilizadora nada fal-se.

O espirito culto e metódico de D. Duarte, inteligencia prática e o bom senso de D. dro, a ansiedade patriótica e o optimismo ador de D. Henrique, a sobrenaturalidade litante e a resignação de D. Fernando, a ttilinea firmeza de D. João, fizeram desta milia, em activa e mutua influencia de racteres, o lar do amor patrio e o espelho capacidade da Raça para a plena reali-ção dos seus destinos historicos.

Forte união á roda do Chefe, subordina-o ao Interesse Nacional, cooperação acti-no seu serviço, energia e perseverança na ção, confiança no esforço hierarquizado, boição de vida util, idealismo combativo, pirito de sacrificio, lealdade perfeita, e tas outras regras de moral e de patriotis-, são lições inesqueciveis desta escola-ofi-a do civismo português, que viestes hoje itar.

* * *

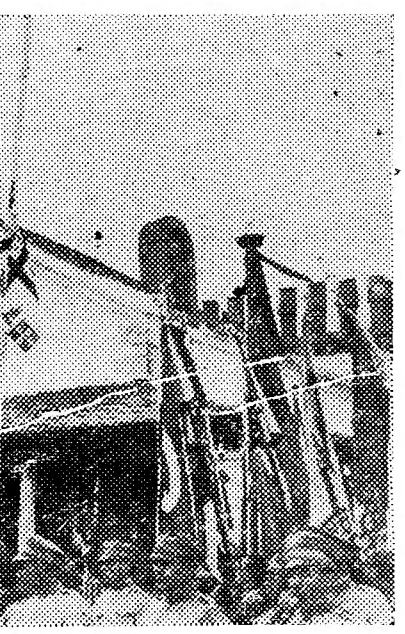
Jovens de Portugal:

De posso, sem injustiça, destacar para os sos corações o exemplo dalgum dos ndes mortos que na memoria dos portu-ses eternamente viverão, lembrai sempre, no Nun'Alvares em Aljubarrota, que a fé é tão necessaria aos homens para terem a coragem de viver como é precisa para lutarem e vencerem.

Cultivai sempre a tenacidade patriotica e a sádia confiança no exito, que do Infante D. Henrique fizeram, contra todos os pessimismos, o criador do Imperio Português.

E, nesta hora em que Portugal, gloriosamente reconstituido, é de novo admirado e invejado do Mundo, preparai-vos, com uma só alma, para a acção enérgica e fecunda das responsabilidades de amanhã.

Pela vida e pela honra e pela gloria de Portugal, Mocidade Portuguesa, Avante!



asteada a bandeira de Aviz

Notaveis afirmações do presidente do Conselho

O sr. dr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, foi o ultimo a falar.

Eis o seu notavel discurso:

Senhores:

Cabe-me encerrar a patriotica romagem de hoje com brevissimas palavras, apenas as necessarias para responder a duas interrogações possiveis do vosso espirito.

Porquê neste dia? Porquê neste lugar?

* * *

Escrevi o ano passado: «A crise de pensamento e de consciencia que na passagem que da primeira para a segunda dinastia atormentou os portugueses, os perigos que arrostaram, as fomes e pestes que sofreram, as lutas em que se empenharam, só por manter o direito de não serem governados por outros e vincar a aspiração de continuar o seu rumo historico sem sujeição a rei estrangeiro, gravaram para sempre Aljubarrota no espirito da Nação e fizeram desta data a verdadeira festa da independencia patria».

Este o alicerce, o principio, esta a fonte de todos os feitos e glorias futuras que só por ser livre a Patria são patrimonio de portugueses.

Apertados na faixa ocidental da Peninsula, entre vizinhos poderosos e o mar imenso, estamos condenados a viver em cada momento o drama da nossa vida; mas sob o olhar benigno da Providencia, contamos já oito seculos de trabalhos, de sofrimentos, de lutas, de liberdade—e se é sempre o mesmo perigo, é sempre o mesmo milagre.

O grito de Ourique tem de seculos a seculos reboado por montes e vales, penetrou nas veias, caldeou o sangue deste povo, tornou coesa a sua massa, e esta, rebelde ao trabalho de dissolução interior com que em nossos dias, mais que por guerras de conquista, alguns tentam subverter as nações e o seu ideal colectivo.

No longo processo historico cujo acto mais belo e de mais elevada transcendencia é precisamente Aljubarrota, nós podemos ver com diafana clareza a reivindicação dessa dupla independencia — a independencia politica de país estranho, a independencia moral no interior, ou seja uma nação livre que livremente se determina para a realização dos seus fins no concerto dos povos.

Fora do estado de loucura, de paixão, cega, de profunda adulteração do sentimento natural, não pode haver portugueses cuja actuação politca seja orientada, dirigida, auxiliada, paga por potencia estrangeira. E tudo isto ser a favor da nossa Patria, porque nenhum povo no mundo pode amar mais Portugal que os portugueses, nem instituição ou governo pode haver que melhor os defenda que o governo da Nação.

Pela força das armas o fez compreender Nun'Alvares a irmãos seus, partidarios d'el-rei de Castela, que a ele o não convenceram e o heroi não póde convencer nem pela voz intima do sangue, nem pela clara razão de Estado: admiravel precedente, eterno ensinamento!

Eis a razão ou razões da escolha deste dia para afervorarmos o nosso patriotismo e nos enchermos de animo para a nossa vida futura.

Agora a razão do lugar.

* * *

Estamos no convento piedosamente erigido em comemoração da Batalha e assim chamado por esse motivo, junto á igreja onde gerações de crentes se revezaram na oração, a dois passos da Capela do Fundador, onde repousam D. João I, D. Filipa de Lencastre, os filhos (como se o carinho dos pais e a devoção filial mesmo na terra sobrevivessem á morte), familia heroica, «inclita geração», toda sacrificada ao serviço da Patria, no estudo, nas guerras, nas descobertas e conquistas, na governação; e muito perto, na Sala do Capitulo, não sei quem, filho do povo certamente, em pleno direito admitido destacadamente á convivencia real do mosteiro, representa os desconhecidos esforços, as contribuições anonimas sobre que assentam as vitorias e, a tantos seculos de distancia, o mesmo sacrificio de vida pela mesma causa da Patria.

E não sei que tenhamos em Portugal ambiente de maior espiritualidade, onde a nossa alma mais penetrada se sinta de elevados sentimentos: Deus, a Patria, a familia, o Dever, o sacrificio, o desinteresse, a paz dos mortos têm representação ou projecções sensiveis, tocantes, sem que ao mesmo tempo deixe de respirar-se aqui o ar alvoroçado das vitorias.

Nós somos filhos e agentes duma civilização milenaria que tem vindo a elevar e a converter os povos á concepção superior da propria vida, a fazer homens pelo predominio do espirito sobre a materia, pelo dominio da razão sobre o instinto.

Eu não desejaria por isso que nesta romagem da exaltação do sentimento da independencia nacional deixassem de ser considerados aqueles outros elementos humanos e sobrehumanos com os quais podem e devem coexistir as patrias, e em cujo ambiente e defesa há-de florescer o noso nacionalismo.

São lutas de civilização,—tantos cegos o não vêem—são lutas de civilização aquelas a que assistimos e é verdade que entra pelos olhos estar a medir-se hoje a vitalidade dos povos pela soma de energias trazidas a este gigantesco debate.

A nossa causa nem se pode preguntar qual seja—ela resulta da Historia e da nossa formação moral; a parte que nela tomam os portugueses há-de aferir-se pelo inteiro sacrificio da vida e da fortuna, pelo que para nós excede em valor a fortuna e a vida.

Viestes de todos os cantos do país e representais Portugal inteiro. Escutai: paira sobre nós o espirito heroico de Nun'Alvares; parece mesmo ouvir-se vozes de comando, o tilintar das armas e o estrondo de batalhas: «Ainda não», responderia calmo.

Mas quando fôr preciso, á chamada que vos seja feita para lutardes sob a sua bandeira, não deixará nem um só de vós—sei-o bem—de responder: presente!»

Milhares de vozes repetiram:

—Presente! E grandes aclamações sublinharam o final do discurso do chefe do Governo, que foi constantemente interrompido por calorosos aplausos.

Os ministros da Educação Nacional e da Marinha, em frente da capela de S. Jorge, assistem ao desfile do cortejo civico

Um almoço em Alcobaça

Terminados os discursos, deu-se por terminada tambem a romagem.

O Chefe do Estado, com o sr. Presidente do Conselho e os demais membros do Governo dirigiram-se então para Alcobaça onde chegaram pouco depois das 14 e 30 horas.

Ali estava-lhes preparada uma entusiastica recepção, tendo os visitantes entrado no mosteiro sob uma verdadeira chuva de flores.

Faziam-lhes a guarda de honra os bombeiros oluntarios e crianças de varias escolas.

Na Sala do Capitulo foi servido um almoço oferecido pelo Conselho Central da União Nacional.

Presidiu o Chefe do Estado, que tinha á direita o sr. dr. Oliveira Salazar e á esquerda o sr. ministro da Marinha. Noutros lugares, sentavam-se os restantes membros do Governo, com os seus chefes de gabinete, o comandante e o chefe do Estado Maior da 3.ª região, membros da comissão executiva da U. N. e da Comissão organizadora da romagem, além de muitas outras entidades categorizadas de Alcobaça e de Leiria.

Após o almoço houve sessão de cumprimentos nos Paços do Concelho.

A vila está toda em festa.

A' hora a que telefono, regressam a Lisboa e ás restantes localidades do país, em centenas de camionetas, as crianças que tomaram parte na inesquecivel comemoração de hoje.

Regentes de ensino

Foram excluidos da prestação de provas de aptidão para regentes de postos de ensino os seguintes candidatos: José Pereira das Neves, por só ter validade para efeitos de requisição de bilhete de identidade; José da Silva de Sousa Lopes, Mario Gomes de Carvalho, Vasco Abel, Alice Duarte Pinto Ferreira, Ilgna Lopes Pinto Marques, Ester de Almeida Duarte, Ester Scarpa, Gilberta Fernanda Ferreira Penalva, Irene Correia da Silva Cecilio, Laurinda Borrega Tomaz, Maria Ferreira, Maria da Gloria Silva Belem de Oliveira, Maria da Graça Gomes dos Santos, Maria de Lourdes Bernardo Malagueta, Maria Luiza da Silva de Sousa Lopes, Maria Sardinha Nobrega Quintal e Silvia Calapês Delfim, por divergencia entre os elementos do boletim e os da respectiva certidão de nascimento; Maria Augusta de Magalhães Guerra Pontes, por falta de certidão de nascimento; Violante da Conceição Franco Rijo, por falta de boletim e de certidão de nascimento.

As provas começam no proximo dia 24.

Assalto e roubo

Alfredo da Costa, calçada de Santana 2, queixou-se a policia de que na noite de 2 para 3 do corrente mês foi assaltado no beco do Cascalho por dois individuos que o agrediram e lhe roubaram a carteira com dinheiro e documentos.

Proezas dos gatunos

Queixaram-se á P. I. C.: D. Elvira da Costa, calçada de Santana, 132, 3.º de que lhe roubaram dois aneis com brilhantes e 800$00 escudos em dinheiro; José Ribeiro, rua dos Fanqueiros, 295, de que um seu empregado lhe roubou 3 contos; Carlos da Silva Sanches, rua das Flores, 68, de que lhe entregaram para pagamento de uma conta um cheque de 10 contos sem cobertura.

Agredido á facada

Faleceu hoje no hospital de S. José, Antonio Francisco Cabanelas que fôra agredido á facada na Amadora.

Aos barbeiros

Aconselhamos uma visita á bem conhecida casa, drogaria e perfumaria Viuva Dias, onde se encontra um colossal sortido de todos os artigos proprios para barbearias, aos melhores preços e qualidades.

Rua dos Fanqueiros, 342-344
(Em frente ao Mercado)

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa da Foz, D. Maria do Pilar Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Luiza de Oliveira Pires de Somer, D. Maria da Conceição de Abreu Baptista Vaz, D. Maria Inacia Fernandes Freire, D. Maria da Piedade Nunes Madureira, e D. Maria Celeste Rodrigues Moreira.

CASAMENTOS

Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Beatriz Ilda Coelho Lloyd, gentil filha da sr.ª D. Adelina da Conceição Coelho Lloyd e do sr. James Lloyd, com o sr. Antonio José Soeiro e Silva, filho da sr.ª D. Maria Soeiro e Silva e do sr. Antonio José da Silva, já falecido, servindo de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos os srs. João Lloyd e capitão Jorge Oom.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finissimo lanche seguindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas prendas, para a Madeira e Açores, onde foram passar a lua de mel.

—Na igreja de S. Mamede realizou-se no dia 4 o enlace matrimonial da sr.ª D. Natalia Rodrigues Dias das Neves, filha da sr.ª D. Alice Palmira Rodrigues das Neves e do sr. Antonio Rodrigues das Neves, já falecido, com o sr. Francisco R. Correia, filho da sr.ª D. Inezia da Encarnação R. Correia e do sr. Manuel Joaquim Correia.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, seus primos sr.ª D. Celeste Rodrigues Matos Sequeira e sr. Joaquim Germano Matos Sequeira, e pelo noivo os seus pais.

Depois de ser servido em casa da mãi da noiva um primoroso lanche pela Pastelaria «Colombo», os noivos seguiram viagem para o Estoril.

BANQUETE DE HOMENAGEM

No Café-Restaurante Tavares, realizou-se um banquete de homenagem ao sr. Dr. Augusto Rebelo Arruda, delegado da Sociedade «Terra Nostra», que já seguiu para os Açores, tendo sido convivas, além do homenageado, as srs. D. Maria Lamas, D. Maria Horta e os srs. Visconde de Botelho, D. Nuno de Almada e Lencastre (Soto d'El-Rei), dr. Marques Guedes, dr. Carlos Tavares, dr. Armando Cancela de Abreu, dr. Armando Gonçalves Pereira, dr. Felix Machado, Alberto Madureira, dr. Eduardo Dias, Guilherme Cardim, engenheiro Abel Pereira Coutinho, engenheiro Pacheco, engenheiro José Antonio Maria Cardoso, engenheiro Antonio Maria Fernandes, Luiz Pastor de Macedo, Alberto Tota, Amandio Caiola Zagalo, Artur da Silva Rebelo, Armando Vilar, Virgilio Soares, Guilherme de Barros Pereira de Carvalho, Gustavo de Matos Sequeira, Jorge Vicente de Carvalho, Eduardo de Abreu, Antonio Alves e Luiz Lupi, trocando-se no final do banquete que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, afectuosos brindes.

EM VIAGEM

Encontra-se já nas Pedras Salgadas, a sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, esposa do sr. Jorge Rebelo da Silva, que partiu para a sua casa no Vale de Santarem.

Com seus filhos, partiu para a sua quinta de São José do Marco no Ribatejo, a sr.ª condessa de Bobone.

—Encontra-se em Bordeiros, Gois, de visita a sua tia a sr.ª D. Fortunata Bebiano Baeta Neves, a sr.ª D. Maria Palmira Franco Bebiano.

—Em Vila do Conde, está a sr.ª D. Maria Izabel de Avilez de Sousa Rego, esposa do distinto engenheiro da companhia dos Caminhos de Ferro Prtugueses, sr. Alberto de Sousa Rego.

—Acompanhado de sua nora a sr.ª D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, seu filho Bartolomeu José, e seus netos, encontra-se já em Cascais, o sr. Eduardo Perestrelo de Vasconcelos.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Octavia de Freitas Branco Sassetti de Oliveira Vinagre, partiu para Inglaterra, donde seguirá para uma digressão pelos países do norte, o distinto clinico e nosso querido amigo sr. dr. José de Oliveira Vinagre.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Berta Figueiredo da Mota Marques, encontra-se nas Pedras Salgadas, o coronel de artelharia sr. Fernando Pimentel da Mota Marques.

—Encontra-se já em Vila do Conde com sua filha, a sr.ª D. Berta de Sousa Rego Sobral, esposa do distinto engenheiro sr. Diogo, Sobral, que ainda se encontra em Lisboa.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria Helena Patricio Lino Neto, encontra-se na Figueira da Foz, o sr. dr. Joaquim Maria de Mendonça Lino Neto.

A "Semana da Misericordia"

nas Caldas da Rainha

A estancia termal das Caldas da Rainha vai estar em festa de 23 a 30 do corrente, por ocasião da «Semana da Misericordia».

Assim, no domingo, 23, haverá um concerto pela Banda do Comando Geral da Guarda Nacional Republicana; no dia 24 realizar-se-ão, no lago do Parque, corridas de natação e regatas; e na tarde de 26, havera no aprazivel Parque das Faianças um chá dansante, ao qual concorrerão as colonias balneares de S. Martinho do Porto, Nazaré e Foz do Arelho.

No dia 27, realiza-se no «Stadium» da Mata uma interessante festa desportiva, e para a noite de 29 está marcado um sarau de arte no teatro Iberia, de cuja organização se encarregou o ilustre fidalgo D. José de Siqueira (S. Martinho), escritor teatral de grande merecimento.

No domingo, 30, realizar-se-há no Parque do Hospital uma grande festa nocturna, com descantes, concertos musicais, bailes populares e fogo de artificio, fornecido por um dos melhores pirotecnicos de Viana do Castelo.

Durante a semana da Misericordia, a banda do Regimento de Infantaria 5, sob a regencia do habil maestro Tenente Armando Escôto realizará concertos no Parque, devendo as festas a realizar em beneficio dos pobres caldenses constituir um grande sucesso, que atraira á estancia caldense muitos forasteiros.

DE LUTO

D. Maria Adelaide Pereira Rosa

Realizou-se esta manhã, com grande concorrencia, para o cemiterio dos Prazeres, o funeral da sr. D. Maria Adelaide Pereira Rosa, esposa do sr. José Pedro Pereira Rosa, antigo estudante de medicina e proprietario em Montemór-o-Novo.

Incendeia-se uma camioneta

ARGANIL, 14. — Incendiou-se uma camioneta que seguia para a Batalha, com crianças das escolas do concelho de Arganil, acompanhadas pelo sr. Julio Santos. O carro ardeu por completo. Não ha vitimas.

AUTOMOVEIS SEM CHAUFFEUR
Alugam-se. **R. Andrade Corvo, 4**

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

AMERICA STAND

A casa mais antiga na venda de

AUTOMOVEIS DE OCASIÃO

Todos os carros vendidos por esta firma podem ser examinados antes do negocio fechado, por qualquer mecanico, sendo esta a maior garantia que esta casa dá aos seus Ex.mos Clientes

CARROS PARA VENDA ACTUALMENTE

Oldsmobile cond., 8 cil. modelo de luxo, telefonia S. 36000
Pontiac cond. 6 cil., modelo de luxo, telefonia S. 34600
Graham cond. 8 cil., modelo de luxo, telefonia S. 33000
De-Soto transformavel, 6 cili. 5 lug., mala, telefonia S. 27000
Hupmobile Coupé Royal, 8 cili., 5 lug. . . . S. 27000
Buick transformavel, 8 cili., 5 lug. . . . . S. 27000
Standard Swallow tipo Sport, 4 lug. 6 cili. 20 HP. S. 26000
Auburn cond, 8 cili, 5 lug. . . . . S. 25000
Cord cabriolet, 8 cili., 2/2 lug. . . . . S. 22000
Opel transformavel, 6 cili., 2 portas . . . Norte 12000
De-Soto Roadster, 6 cili. 2/2 lug . . . . . S. 18000
Chrysler Roadster, 8 cili., 2/2 lug. . . . . S. 24000
Chrysler Roadster, 6 cili, 2/2 lug. . . . . S. 20000
Buick torpedo, 6 cil, 5 lug. . . . . Norte 6000

Encarrega-se da compra e venda a pronto e a prazo

Alberto Camara

Representante para Portugal e Colonias do

HISPANO-SUIZA

68 -- Rua Escola Politecnica -- 72

Telef. 4 5596 — LISBOA

Cabelos brancos
Desaparecem em poucos dias com o usa das **Gotas Divinas**. Frasco 10$00. Manda á cobrança.
Cabeleireiro do Rossio, 93, 2.º

ESTRANGEIRO

Oleados de Cortiça
O melhor e mais higienico revestimento para chão
As melhores qualidades e preços na
Sociedade de Tapeçarias, Ltd.ª
Rua Augusta, 126-130

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

A gravidade da situação internacional

motivada pelo problema da neutralidade

PARIS, 14—Os jornais continuam a mostrar-se inquietos com o atrazo da resposta alemã e com as reservas italianas. «A guerra civil espanhola—escreve o «Echo de Paris»—prolonga-se. A Europa não pode continuar a viver numa atmosfera de suspeitas e rivalidades que roçam pelo perigo de complicações—perigo que aumenta a cada dia que passa». Diz que o governo francês deseja um acordo desde já para se provocar uma acalmia e que seguidamente «se polirá» o que tiver sido assente. «Conseguirá convencer Mussolini e depois Hitler?»

O «Petit Journal» diz que a Italia «se mostrou afirmativa quanto ao principio e reticente quando ao permenor. Mas—acrescenta—nesta materia a expressão «pormenores» é um eufemismo». Diz que a Italia procura ganhar tempo «para que Franco receba o material prometido» e afirma: «E' preciso que não façamos neste caso o jogo de intrujados. Podemos falar tanto mais alto e mais claro quanto é certo que a posição dos outros jogadores é mais delicada do que se pensa». Termina dizendo que a maioria esquerda da França não quere uma aventura externa mas não tem duvidas em manifestar simpatia pelo povo espanhol «que se bate contra militares». Quanto ao «Populaire» comenta as decisões do «congresso europeu» convocado para Paris e afirma que «é preciso dar ao governo republicano tudo quanto lhe falta para se aguentar e vencer. Esse estranho paradoxo—pregunta—que consistiria em que os revoltosos fascistas, que não são só inimigos da França mas da democracia, recebessem armas, canhões e dinheiro fornecidos pelo Fascismo internacional ao passo que se impediria o governo regular de abastecer-se, deterá o «élan» dos trabalhadores democratas?—E' preciso que assim não seja».—(Havas).

Os jornais ingleses consideram inquietante a situação internacional

LONDRES, 14.—O atrazo nas negociações para um entendimento dos principais paises europeus com respeito á intervenção no conflito espanhol, está causando, nesta capital, certa ansiedade. Ontem, saíram daqui 6 aviões civis, para Espanha.

Como já se explicou que, embora o governo inglês esteja disposto, em principio, a incluir a aparelhagem civil no embargo ao envio de material para Espanha, o caso é muito dificil de resolver. O governo tem poderes para proibir a exportação de material de guerra e de todos os artigos que possam converter-se em armas, poderes que são extensivos aos aeroplanos mas que não se aplicam a aviões individuais que levantam vôo para paises estrangeiros.

Os jornais refletem a impaciencia assinalada e alguns deles frizam a necessidade de se conseguir um resultado o mais breve possivel para que o conflito não se torne internacional. O «News Chronicle» protesta com veemencia. «A paciencia da França e dos outros paises — diz — não pode durar indefinidamente. Existe um limite que não está longe de ser atingido». O «Daily Herald» ataca o governo acusando-o de deixar exportar aviões para Espanha.— (Hacas).

Conferencia pan-americana da Paz

BUENOS AIRES, 14.—Foi oficialmente fixada para 1 de dezembro a abertura da Conferencia pan-americana da Paz. O respectivo anuncio foi feito pêlo ministerio dos Negocios Estrangeiros.—(Americana).

O MOMENTO EUROPEU

As relações anglo-alemãs

BERLIM, 14.—A «Correspondencia Politica e Diplomatica», comentando a situação geral européa, afirma ser necessario suprimir as reservas que paralizaram as relações franco-alemãs. Depois de lembrar o entusiasmo indescriptivel com que a delegação francesa aos Jogos Olimpicos foi acolhida no Estadio, aquele jornal escreve:

«Como disse o rei de Inglaterra, vivemos num mundo «criado depois da Paz». Quando se fala de paz, toda a gente pensa, em primeiro lugar, nas relações franco-alemãs. As aclamações que abalaram o Estadio Olimpico tem valor internacional».

O mesmo periodico acrescenta: «Felicitemo-nos por as proximas negociações internacionais começarem em outubro e não em setembro. Ha mais tempo para preparar com minucia os trabalhos. E' preciso esclarecer se as potencias ocidentais querem ocupar-se apenas dos problemas ocidentais ou se pretendem um entendimento geral. A Alemanha tem as mãos completamente livres, pois não ha qualquer bloco italo-germanc. Roma e Berlim apenas acharam o momento oportuno para trabalhar de harmonia nas questões internacionais». — (Americana).

NOTICIAS DO BRASIL

Uma entrevista do dr. Oliveira Salazar

RIO DE JANEIRO, 14.—O «Diario Português» publica na integra, a entrevista concedida pelo presidente do Conselho português, sr. dr. Oliveira Salazar, ao «Daily Telegraph» sobre o renascimento lusitano, bases do novo sistema politico português e seu confronto com ditaduras européas e significado de aliança secular entre Portugal e Inglaterra.—(Americana).

"RAJA"
Uma meia de sêda pura
(sêda animal)
tão fina . . .
tão transparente . . .
que é uma autentica espuma de sêda!
Casas de venda exclusiva
Loja das Melas — A Pompadour
ROCIO — CHIADO

NOVO SEGRÊDO
em matéria de
PÓ DE ARROZ
Dá um «Aspecto Mate» á Pele Mais Gordurosa

Conserva-se 5 vezes mais
Esta nova descoberta dar-lhe-á a frescura e o encanto da adolescencia aos quais nenhum homem resiste Eliminado, completamente, qualquer vestigio de luzidio durante o dia inteiro e faça o que fizer.
Este segredo consiste num novo processo patenteado para o Pó Tokalon, e graças ao qual a «mousse de creme» está misturada com o pó mais fino, passado a três peneiras de sêda. E' por isso que o Pó Tokalon se conserva cinco vezes mais tempo que todos os outros pós. Mesmo depois duma comprida noite de dansa, numa sala dé atmosfera quente, o seu rosto encontra-se tão fresco e encantador como no principio.
A «mousse de creme» contida no Pó Tokalon impede-o de secar as secreções oleosas naturais da pele, como o fazem os pós ordinarios que tornam a epiderme rugosa e grosseira.
Se deseja um rosto maravilhoso e fascinador, que faça a admiração e a inveja de todas as suas amigas, compre hoje mesmo, uma caixa de Pó Tokalon. Veja, em si mesma, como ele difere totalmente de todos os outros pós, porque a «mousse de créme» é o segredo exclusivo de Tokalon.
O Pó Tokalon encontra-se á venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende sem demora.

FRIGIDAIRE

O frigorifico de renome mundial
- Menor consumo de corrente
- Melhor protecção dos alimentos
- Congelação mais rapida
- Gelo em abundancia
- Preços sem concorrencia

Peça catalogos a:
Diniz M. d'Almeida
Avenida da Liberdade, 213
LISBOA

PÓS DE KEATING
MAS TEM DE SER KEATING

PROVE AS DELICIOSAS SARDINHAS DE CONSERVA
FEU
LA ROSE
FABRICANTES FEU HERMANOS PORTIMÃO
AGENTES DEPOSITARIOS VILARINHO & RICARDO R DA PRATA 230 LISBOA
A VENDA NOS PRINCIPAIS ESTABELECIMENTOS

VINHO VERDE
"CASTANHEIRA"
Pedidos pelo TELEF. 44342

Mobilias Modernas
Avenida da Liberdade 7
Junto ao elevador

Primorosa execução de estofos
Mauricio
R. AUGUSTA, 240-1.º Telefone 28229

A'S SENHORAS
Tinjam os seus vestidos com as afamadas tintas
ARTI

GRANDE HOTEL DO PARQUE
Bom Jesus do Monte
Todo o conforto moderno
Agua quente e fria nos quartos
Concessionarios Alvarez & Vidal

ULTIMAS NOTICIAS

Dr. Carlos Cabrita
Ex-assistente de Schatzalp, Schweizerhof e Waldsanatorium, de Davos — Suiça
Pulmões e medicina geral
R. Nova do Carmo, 69, 1.º
Telefone 25358
Das 4 ás 7 ; classes pobres ás 11 horas

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O cêrco a San Sebastian aperta-se cada vez mais

Sevilha confirma que o couraçado «Jaime I» ficou destruido

As tropas marroquinas

PARIS, 14.—O enviado especial do «Petit Parisien» em Tanger informa o seu jornal dos efectivos recrutados pelo general Franco em Marrocos. «Segundo o plano primitivo—diz—Franco devia recrutar 30.000 indigenas, mas por falta de dinheiro e tambem porque muitos indigenas mostrassem repugnancia em se alistarem, só recrutou 5.000. Os efectivos indigenas já embarcados para Espanha elevam-se a 8.500 homens e ficaram na guarnição de Marrocos 12.000 regulares que não podem seguir pela necessidade de se assegurar a ordem do protectorado. Os efectivos da Legião Estrangeira (Tercio) desembarcados em Espanha elevam-se a 4.500 homens». O mesmo jornalista acrescenta constar que o «espirito das tropas indigenas se ressentiu um tanto com a irregularidade nos pagamentos do pré».—(Havas).

As atrocidades dos marxistas

SEVILHA, 14—Um fugitivo de Talavera la Real, que chegou a Sevilha, declarou que, no momento de partirem, as tropas marxistas, estas se apoderaram de 23 fascistas para os fuzilar. O fugitivo foi salvo por um seu camarada, que caiu morto na sua frente. Esteve mais de uma hora no meio dos seus camaradas, tendo-se os marxistas defendido contra as tropas que entravam naquela aldeia. Tendo um avião da base de Sevilha dispersado os governamentais, o fugitivo conseguiu chegar a Sevilha. Descreveu numerosas atrocidades cometidas pelos governamentais.—(Havas).

Martinez Barrio na capital

MADRID, 14.—O presidente das Côrtes, Martinez Barrio, chefe da Junta delegada do governo em Valencia, chegou ontem a Madrid a fim de presidir hoje á reunião da Deputação Permanente das Côrtes. Conferenciou com o presidente do Conselho, Giral, e com os ministros da Guerra e dos Estrangeiros.—(Havas).

Tomada de Pozoblanco

MADRID, 14.—O presidente do Conselho anunciou aos jornalistas que as forças governamentais tomaram Pozoblanco, na provincia de Cordova.—(Havas).

Prisão de generais

MADRID, 14.—Foram presos os generais Filipe Navarro, Varon Casada, Valillos e Alfredo Coronel, assim como numerosos elementos directivos da Falange Espanhola.—(Havas).

O governador civil de Badajoz tentou suicidar-se hoje

ELVAS, 14—*(Pelo telefone)*.—O governador civil de Badajoz, que desde ontem se encontra em Elvas, foi internado no hospital militar desta cidade.

O seu abatimento é profundo dando mostras de loucura. Esta madrugada, o governador civil atentou contra a sua existencia, não conseguindo levar por diante o seu intento por ter sido prontamente socorrido.

O toureiro Domingo Ortega

A' lista das figuras conhecidas que se diz terem sido mortas em Madrid parece haver a acrescentar o nome do toureiro Domingo Ortega. Desejamos que a noticia seja desmentida, como, felizmente, o foi a da morte do seu colega «Algabeño».

Domingo Ortega era o mais discutido dos toureiros actuais, mas dentro da sua categoria, como o foram os maiores de todos os tempos.

SEVILHA, 14.—(Do enviado especial da Havas):—«Ao cair ontem a noite todas as ruas de Sevilha estavam iluminadas como se estivessemos em pleno dia. Os cafés regorgitavam e nos terraços é dificil encontrar um lugar vago. Tocam orquestras aqui e além. Verdadeiramente, os comunicados de Madrid, que descrevem Sevilha desorientada, exageram um tanto. Ouvimos ha pouco a Radio do exercito do Norte: forte e eloquente na sua concisão. Dizia simplesmente: «As tropas marxistas batem em fuga na provincia de Badajoz e os dirigentes preparavam-se para fugir para Portugal. Em Navarra as forças necionalistas continuam a avançar sobre San Sebastian. Espera-se que muito brevemente a fronteira francesa seja desembaraçada».

Todas as noticias aqui recebidas são concordes quanto ao avanço dos nacionais em Navarra e Extremadura. E' sobretudo este sector que me interessa directamente, porque está a meu cargo. Algumas informações: Badajoz, ontem á noite, estava completamente cercada. Esperámos ontem durante todo o dia a rendição daquela cidade. Parece que a sua resistencia não pode prolongar-se. As colunas do Exercito de Franco apertam o cêrco. O bombardeamento que comuniquei ante-ontem continuou ontem: três grande aviões de bombardeamento atacaram, causando estragos consideraveis. A Central Electrica ficou destruida e a cidade estava ontem mergulhada na escuridão. Os elementos operarios da população tomam parte na defesa e o Quartel General de Sevilha reconhece expontaneamente que a luta é dificil. Parte dos habitantes entrincheirou-se em volta da muralha que protege a cidade, em certos pontos. No entanto esta resistencia não pode prolongar-se. De resto, Madrid por seu lado, admite o recuo dos governamentais naquela região. Isto se depreende do comunicado publicado pelo ministro da Guerra, general Castillo, ontem á tarde. Nesse mesmo comunicado reconhece-se a acção eficaz da aviação dos rebeldes. Seja porém como fôr, operou-se a junção na Extremadura do Exercito de Mola com os de Franco e Queipo de Llano. Acontecimento consideravel, cuja importancia não é preciso exagerar.

Os rebeldes têm hoje, de facto, material de guerra superior ao do governo

Os rebeldes dispõem já de material de guerra superior ao do governo. O Exercito de Mola vai pôr-se em contacto directo com os recursos de Marrocos e os milicianos de Guadarrama, dentro em breve, sentil-o-ão. Outro acontecimento do dia de ontem foi o caso do «Jaime I». De tarde deu-se uma explosão de alegria em Sevilha, quando a Radio anunciou que aquele cruzador tinha sido metido no fundo. As ultimas noticias são menos afirmativas. No entanto, de qualquer maneira, teria sofrido estragos graves. Anunciado este sucesso, eclipsou-se por assim dizer a alegria causada pela junção dos dois exercitos em Merida. Assistimos na praça de San Fernando a uma verdadeira manifestação. Com um calor ainda escaldante, ás 6 horas, as inumeras bandeiras que havia no «Ayuntamiento» não davam o menor sinal de viração. Apesar da canicula, os jovens fascistas, mulheres e gente de todas as idades esfalfavam-se em repetir com os braços erguidos estes gritos que se ouvem todo o dia na Espanha nacionalista. «Arriba, Espanha, Espanha Grande, Espanha una». Este ultimo assumia um significado especial na bôca dos exaltados.

Bem entendido que tal aglomeração não se passou sem alguns tiros de revolver disparados por prazer, mas ninguem se assustou.

A ordem é rigorosa em Sevilha e toda a gente sabe que um tiro disparado desde ha duas semanas não pode ser um «gesto de guerra». Acrescentemos que continua o alistamento de voluntarios. Os cartazes afixados pedindo combatentes ou dinheiro têm tido eficacia. Ainda ontem á noite o general Queipo de Llano me confirmou que o seu tesouro aumentava rapidamente».—(Havas).

A atitude de Portugal no problema da neutralidade

LONDRES, 14.—Embora o governo britanico não tivesse ainda recebido a resposta de Portugal á diligencia feita ontem junto do governo deste país a favor da convenção de neutralidade, os meios oficiais prevêm que a resposta não se fará esperar e que não deixará de ser satisfatoria.—(Havas).

Os armamentos da Russia e os auxilios ao governo de Madrid

BERLIM, 14.—O orgão oficioso da Wilhelmstrasse refere-se aos armamentos da U. R. S. S., dizendo que a sua decisão no sentido de aumentar 50 por cento os seus efectivos, estoirou como uma bomba na atmosfera conciliatoria resultante do entendimento entre as cinco potencias locarnianas para se reunirem em conferencia no proximo outono. O jornal prossegue, dizendo: «O rearmamento da Russia prejudica as possibilidades da paz e o bom resultado das proximas negociações. As medidas tomadas pela Russia só podem ter uma intenção ofensiva visto que a sua capacidade guerreira fica excedendo em muito aquilo que um Estado nas suas condições pode necessitar para defesa das suas fronteiras e manutenção da sua autoridade territorial». O jornal frisa a coincideacin da decisão com os acontecimentos em Espanha e afirma que ela contribui para agravar a inquietação que causa a actual situação europeia como se não fôssem já bastantes a acção do Komintern e as suas consequencias.

Terminando por lembrar as subscrições avultadas feitas na Russia a favor da Frente Popular espanhola e as declarações de Radio-Moscovo, deduz: «Não causa admiração que se suspeite de que a imensa maquina guerreira posta de pé pela Russia não sirva apenas para a defensiva e que a Alemanha esteja profundamente impressionada com a decisão daquele país». —(Havas).

Avanço em todas as frentes dos rebeldes

SEVILHA, 14.—A Radio-Sevilha confirmou esta manhã a destruição total do cruzador governamental «Jaime I» no porto de Malaga. A mesma estação disse que as novas colunas vindas de Algeciras avançavam vitoriosamente sobre Malaga, ao mesmo tempo que as tropas de Franco na região de Granada continuam a sua acção, fugindo as milicias governamentais em toda a parte. De Burgos—diz a mesma estação —comunicam que as forças do general Mola continuam a avançar. As colunas de Valera chegaram a Guadalajara, donde partiram sobre Madrid. Foram mobilizadas as classes de 1933, 1934 e 1935. Segundo outras informações, todas as cidades em poder dos rebeldes realizarão amanhã grandes festas em honra da bandeira bi-color—vermelha e ouro, novamente o emblema nacional em todas as regiões ocupadas pelo movimento do general Franco.—(Havas).

Alfredo Vieira Pinto

Acompanhado de sua familia partiu ontem de automovel para o norte, o nosso querido amigo sr. Alfredo Vieira Pinto, administrador delegado do «Diario de Lisboa».

Associação Comercial de Lojistas de Lisboa

Contribuição Industrial Grupo C.

Previnem-se todos os associados e o comercio em geral que termina amanhã, 15, o prazo para a escolha, por freguesias, dos delegados distribuidores dos lucros iliquidos presumiveis de cada contribuinte e dos delegados ás reclamações sobre o lançamento da Contribuição Industrial do Grupo C., cuja escolha tem de ser feita numa das salas do edificio da Camara Municipal, devendo os interessados solicitar do Ex.mo Secretario Geral da Camara Municipal a designação da hora a que essa reunião pede ter lugar, sem o que não serão reconhecidos os delegados eleitos em qualquer local que não seja os Paços do Concelho.

RETIRO DA SEVERA
R. Antonio Maria Cardoso, 5
Telef. 23071
Jantar, Esc. 12$00
Deonilde Gouveia
Filipe Pinto
Solos de viola por Alfredo Costa
ENTRADA FRANCA

Barbosa & Costa, L.da
Grandiosa e bonita colecção de etamines e tecidos para cortinados, a preços sem receio de concorrencia.
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

DINA TEREZA
CELESTE LEITÃO
EMILIA CANDEIAS
CARLOS ALVES
SANTOS CARVALHO (Ricardo)
JOÃO GUERRA

Na VERBENA DAS AMOREIRAS
Amanhã, 15, ás 23 horas

Por gentil deferencia para com a Comissão desta **Verbena** prestam o seu valioso concurso num grandioso acto de **Variedades** os *distintos Artistas* acima mencionados.

BAILE abrilhantado por uma **orquestra-jazz.**

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

O Retiro da Severa

Um verdadeiro paraíso de espairecimento social e de prazer artistico, situado no coração de Lisboa

A' margem das inquietações da vida social de hoje, o Homem présa a mais alta sensação do bem-estar—do seu bem estar traduzido em requintes de comodidade pessoal e de sedativo afago dos seus sentidos. Quando, porém, esse bem-estar é procurado no ar-livre das grandes cidades e a expectativa é plenamente satisfeita, o contentamento do Homem constitui o cumulo feliz da sua existencia.

Agora, sob a ardencia bruta da canicula, essa boa disposição só poderá ser auferida num recinto de frescura e de calmo isolamento em que o nosso corpo consiga compensar-se da violencia com que a quadra o fustiga e o nosso espirito, consequentemente, possa mergulhar na delicia de um passatempo—que participe dos prazeres da mesa, e dos encantos da arte e do agrado das boas convivencias

Sobre o tablado dos musicos e cantadores, situado a meio do fundo da esplanada. — Na ocasião de se exibir a ilustre cantadeira — actriz D. Adelina Fernandes, acompanhada por Armandinho, José Marques e Santos Moreira, insignes tocadores

Lisboa possui um recinto—um só!—nessas condições—o «Retiro da Severa», que é a antiga esplanada Jansen, com entradas pelas ruas Antonio Maria Cardoso e do Alecrim, alcandorada sobre esta, em situação privilegiada na linha da larga arteria e recebendo sempre a fresca viração do Tejo que, lá em baixo, exibe a espantosa maravilha do seu amplo estuario azul.

O «Retiro da Severa» que é, assim, uma dependencia do Salão de Fados, do mesmo nome, situado a dois passos, na Rua Antonio Maria Cardoso, oferece aos lisboetas e aos estrangeiros em transito, por cruzeiros de turismo, nesta soberba capital atlantica, o desafogo de umas horas de espairecimento inolvidavel. De manhã, proporciona-lhes os melhores almoços de Lisboa, de mais requintados *menús*, de dezenas de *hors-d'oeuvres*, de acepipes cativantes, tudo numa primorosa confecção, que satisfaria as maiores exigencias de um Brillat-Savarin...

A' noite, ali prossegue o serviço de restaurante, sempre modelarmente mantido sob a direcção do reputado mestre do genero, que é o Costa, bem conhecido de toda a população indigena que sabe comer e sabe inebriar-se.

A cerveja inefável de frescura, os outros gelados, as outras beberagens—tudo ali se serve ao gosto do cliente, de modo que ele fica inteiramente grato á solicitude e á impecabilidade de tão agradavel recurso.

Depois de afagados a encalmada ansia da entranha e os desejos sofregos do paladar, o espirito do cliente delicia-se com a audição de um formoso repertorio de fados, exibido por cantadeiras e cantadores notabilissimos como Maria do Carmo, Maria do Carmo Torres, Alcidia Rodrigues, Rosa Maria, Margarida Pereira, Leonor Fialho, Alfredo Duarte, Felipe Pinto, Alberto Costa, José Porfirio, Julio Proença, Manuel Calixto e outros mais de cujos nomes não nos recordamos agora.

Por vezes, surgem tambem no tablado do magnifico «Retiro» outras figuras de grande realce no mais querido ramo do folclore português—como Adelina Fernandes, Maria Albertina, Herminia Silva e Maria Emilia Ferreira. E a exibição nesse local, tem-se ilustrado ainda com artistas grandes entre os quais o excelso divo que é Tomás Alcaide, o celebre bailarino que é Francis e o laureado actor que é Amarante.

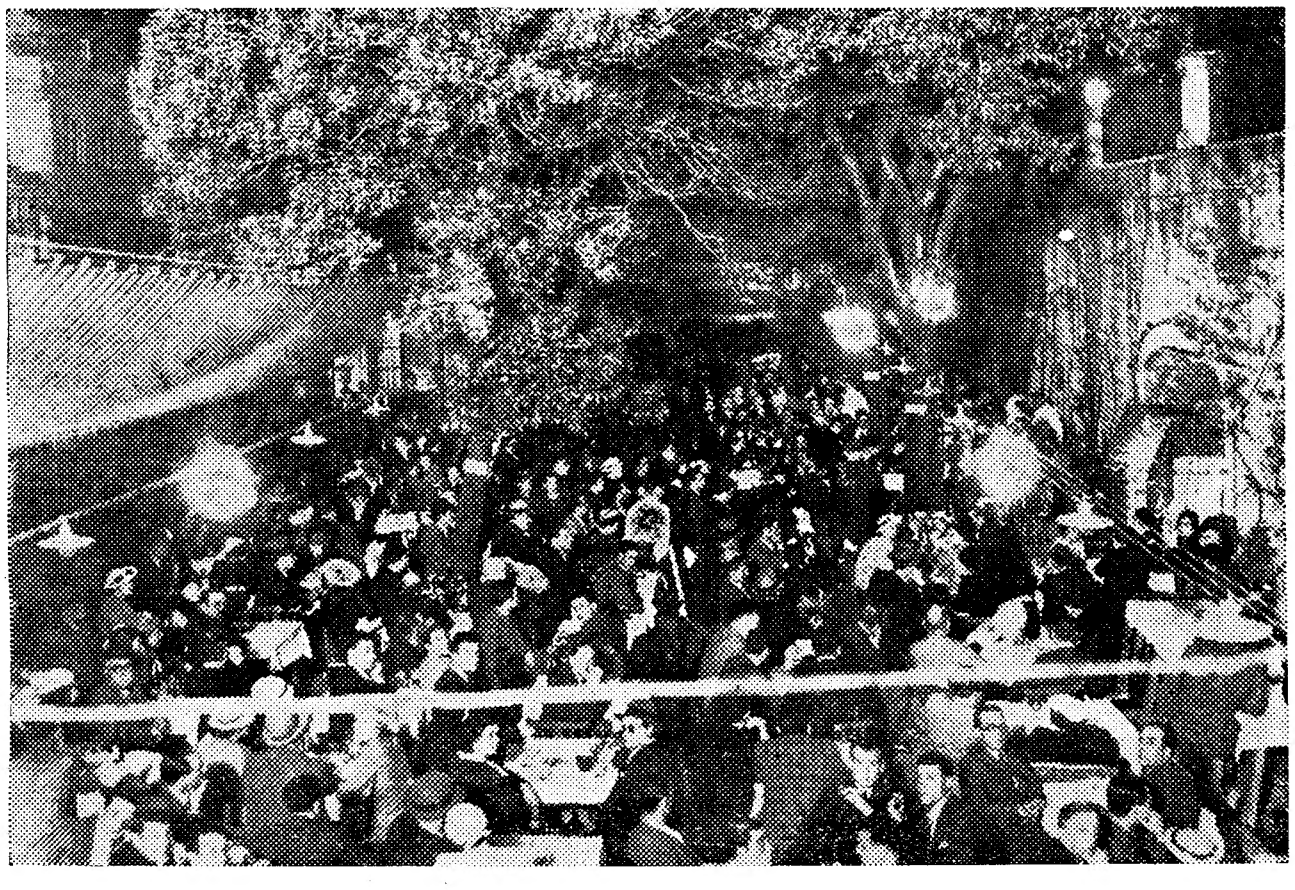
E os tocadores? Quem ousará negar o encanto fascinante de ouvir o Armandinho, o inimitavel mago da guitarra e essoutro sortilego da musica, o magistral solista de viola Alfredo Costa; e os acompanhadores eximios que são Santos Moreira e José Marques?

Não serão todos eles os inseparaveis elementos de um conjunto de grande beleza auditiva em puras expressões de encantadora arte popular? Não serão todos eles as decisivas causas de um ambiente em que sorvemos deliciosamente uma boa porção da verdadeira alegria de viver?

* * *

Ora, este prazer de uma esplanada particular—tão superior ás esplanadas publicas, trechos banais de rua juntos a quiosques mais ou menos inestéticos...—com ar livre ferido pelas dulcissimas notas do Fado e animado pelas brisas do Tejo, desfruta-o o publico de Lisboa, mercê da iniciativa desse grande temperamento de empreendedor que é Jorge Soriano, o inteligente proprietario do «Retiro da Severa». A' sua iniciativa, sempre tão oportuna e tão criteriosa que até não deixa de prover, dia a dia á indispensavel selecção da frequencia dos seus dois recintos, vai o publico dever em breve a transformação do Salão da Rua Antonio Maria Cardoso, que será encerrado para obras em fins do mês presente para ser reaberto em Outubro com um aspecto de *feérie* que, por certo, deslumbrará os seus numerosos *habitués* e atrairá maior publico, se é possivel aumentar-se o que já se delicia com as suas noites de espectaculo inolvidavel.

E aqui está como Jorge Soriano sabe constantemente corresponder á simpatia que sempre tem sido consagrada por todas as camadas sociais ao seu «Retiro da Severa», verdadeiro paraiso de desafogo e de espairecimento a marcar uma bela excepção nesta Lisboa de timidos empreendedores.



O aspecto de todas as noites na Esplanada — Retiro da "Severa", onde, todas as manhãs, se servem os melhores almoços de Lisboa, sob a delicia de um ar livre que não exclue um comodo recato

COIMBRA MODERNA

O Sanatorio da Quinta dos Vales

maravilha da medicina social e do bom gosto aplicado á ciencia

O hospital-sanatorio da Quinta dos Vales, a poucos quilometros da cidade de Coimbra, mas já fora do seu maravilhoso panorama fluvial, está situado num local que só por si, sem edificio nem sequer um pavilhão soerguido, seria um lugar de repouso, de cura natural pelos elementos climatericos, pela influencia da paisagem, pela paz e suavidade que da arborização tonica se respira.

Chama-se Hospital-Sanatorio da Colonia Portuguesa do Brasil, pois teve a sua origem nos pavilhões e terrenos que aquela nossa colonia em tempo oferecera á Patria para os orfãos dos combatentes da Grande Guerra, e depois numa doação leal e compenetrada da extensão da obra profilatica e de combate á tuberculose em Coimbra desenvolvida—transferiu para a Junta Geral, perdido que foi, pelo decorrer inevitavel do tempo, o nobre objectivo inicial, a oportunidade.

E agora têm preferencia de entrada no Sanatorio da Colonia Portuguesa do Brasil, como aliás é logico, os combatentes da guerra tuberculizados, os filhos destes, os repatriados portugueses.

Foi paladino desta obra o dr. Bissaia Barreto, presidente da Junta Geral e tambem da comissão administrativa das obras de adaptação, ampliação, renovação e integração no plano geral. Já no nosso anterior artigo nos referimos a este homem. Mais palavras não são precisas, embora quanto se escrevesse fôsse insuficiente.

A respeito do dr. Bissaia Barreto—que para erguer o Sanatorio da Quinta dos Vales houve de sustentar luta com elementos de uma oposição que se compreende, e até ha que respeitar—pode repetir-se o que disse o dr. Moura Relvas prefaseando o que disse o notavel professor Marion no anfiteatro da Faculdade de Medicina de Paris:

—Para se ser um grande cirurgião é preciso, segundo a formula inglesa, possuir «head, hand, heart»—cerebro mão, coração.

Quando aquele homem se entregou á obra de medicina social que hoje é a dominante da sua vida, trouxe consigo os três H H H.

* * *

O Sanatorio dos Vales, por abreviatura, é o melhor e o maior de Portugal, e, disse-o o eminente tisiologo dr. Krause, o melhor que pode existir. «Nada vi tão bom, como julgo que nada existe tão bom».

Uma descrição tecnica não a faremos, até pela razão simples de não o sabermos fazer.

Emerge de um vale esplendido, enorme e rodeado de silencio.

Dispõe-se em uma serie de edificios inter-dependentes, um dos quais, apenas, é do inicio da doação da colonia portuguesa do Brasil.

Enfrenta um panorama assombroso e perfumado. Rodeia-se de parques e jardins, campo de jogos e de uma continuidade de encantos vegetais floridos, dispostos com arte, que dão a impressão de fazerem côrte a um hotel de luxo de uma estancia privilegiada do mundo.

Penetrando-se nele tem-se uma sensação de luxo. Não ha luxo. Ha o gosto de escolher materiais modernos; houve um segredo de «harmonia de conjunto». Assim como a suma harmonia dos monumentos arquitectonicos sagrados pode dar uma sensação de grandeza geometrica, e não passa de milagre de perspectiva, assim a harmonia deste Sanatorio, e o bom gosto que presidiu ao seu levantamento dão uma impressão de luxo, que seria incompativel com a obra social que o domina.

Flores, quadros de arte e marmores portugueses—tão baratos afinal como os ordinarios reles das construções pla-

Sanatorio da Colonia Portuguesa do Brasil na Quinta dos Vales. — Aspecto do Parque e Jardim e vista parcial do edificio.

tonicamente economicas—dão uma ambiencia requintada aos interiores, escadarias, pavimentos, paredes, atrios, corredores.

E' servido por elevadores electricos.

A higiene atinge o requinte, e rodeia-se de beleza natural, que predispõe o espirito do doente.

Tem capacidade para 300 leitos. (O leitor vá lendo como se estivesse a ouvir uma conversa, e adivinhe, por extensão imperiosa, o que omitimos por inadvertencia, carencia de memoria e até... falta de espaço).

Ha doentes pobres—assistencia pura—e doentes pensionistas: a diferença é quasi despercebida. Notamos, sem que para tal nos chamassem a atenção, um principio saudavel de higiene social.

Onde não ha marmores, ha mosaicos e azulejos. As galerias de cura são voltadas, preferentemente, ao Norte ou ao Sul, segundo a época do ano. Este desdobramento, em tecnica sanatorial, é notavel.

As salas de estar, de jogos, de entretenimento, multiplicam-se como numa bela estancia de repouso ou de prazer. Dizemos já: a «disciplina doce» atinge o maximo do seu poder «cicatrizante».

As salas de jantar, dos pobres assistidos e dos pensionistas são, como tudo, não apenas higienicas mas artisticas, a dar uma impressão do tal «luxo» aparente, só harmonia e bom gosto.

Ha um lavatorio para cada doente! Nada é comum, nem o escarrador. Não se nota qualquer cheiro a hospital, os chamados «aromas desinfectantes» que causam dor no coração.

Os quartos dos pensionistas, abrindo para as galerias de cura—onde apetece estar com saude—são independentes; todos os despejos e remoção de roupas se faz por um sistema que é de mágica: desaparecem para os passadiços interiores sem que por isso se dê.

Ha os quartos a 4 doentes, segundo os graus da enfermidade, e esses quartos a quatro, divididos por envidraçados, melhor: por vitrais, têm cada um a sua côr ou tonalidade. Eis outra aparencia de luxo que não é senão disciplina.

Ha os quartos azul, negro-branco, violeta, côr de rosa, vermelho, verde, verde-ervilha, amarelo, amarelo torrado, etc, etc.—policromia admiravel, num conjunto de arquitectura hospitalar cientifica (que predomina em todos os edificios) e atinge a hiper-civilização da medicina social da Alemanha e da Suiça.

No quarto violeta, por exemplo, tudo é de tom violeta: as roupas, o chão, os vitrais, os azulejos, as paredes, os objectos de uso. Enfermeiros e criados distinguem-se por uma nota de côr: sabe-se sempre quando estão deslocados...

A rêde electrica, a distribuição de campainhas e de telefones internos, os avisos, os quadros de iluminação indirecta—que em certos pavimentos não ultrapassam a meia altura de um homem para guiar os passos sem incomodar os doentes—foram montados com requintes tecnicos, onde um Hotel extra pode tomar ensinamentos.

Sistemas de discos luminosos, por côres, dizem em qualquer parte do enorme edificio, sem ruido nem alarde, que certo funcionario, um economo um medico chefe, um analista, está a ser procurado: e logo surge ali disfarçado um telefone: «estou aqui, que ha? vou já».

As cozinhas excedem quanto temos visto por esses hoteis de todo o mundo: em grandeza, higiene e requintes do tal «luxo», aparente. Por exemplo, para abreviar: o pessoal que trata de legumes está isolado do que trata das camas, e este do do peixe, e aquele do das frutas. Não ha mão que toque numa pescada que possa tocar depois numa peça de carne.

Tudo se faz electricamente; parece um grande laboratorio. As louças e roupas passam por grandes estufas. Quantos engenhos, aparelhos e maquinaria os homens inventaram estão no Sanatorio da Quinta dos Vales.

Depois disto—no campo medico e cirurgico, imagine-se a que rigor obedecem as instalações.

As salas operatorias são «o melhor do mundo»! A aparelhagem foi-se buscar á Suecia, á Alemanha, ao Japão, aonde havia «o melhor».

Actualmente são muito estreitas as relações da tuberculose pulmonar com a cirurgia a frenicotomia, a plombage, as toracoplastias, as apicoloses, etc. demonstram que não pode um cirurgião moderno ignorar os segredos da pertinaz doença. (dr. Moura Relvas).

A tudo se previu no maravilhoso Sanatorio—honra de Portugal. As grandes operações—ultimos milagres da ciencia—podem não se realizar na Espanha, na Dinamarca, no Brasil, por exemplo: realizam-se em Coimbra, quando fôr preciso.

Os sistemas de esterilidação, a alto vapor, em salas especiais, e que podiam ser manejados por dedos de criança, instantaneamente, existem na Quinta dos Vales.

Omitimos centenas de pormenores: frigorificos, estufas, gabinetes clinicos, laboratorios. Existe mesmo um parque privativo pecuario de abastecimento.

O conjunto é isto: profilaxia intensa, rigor cientifico, ambiente de saude e de alegria visual, arte, gosto, particularidades que atingem o requinte; guerra á tuberculose sem possibilidade de «convite» á tuberculose...

Não falta a capela, o serviço religioso a quem o não dispense. De resto toda a instalação de um belo hotel ou transatlantico: até pequenos estabelecimentos, miniaturas.

E este edificio, ligando edificios, numa serie de pavimentos, é afinal um Sanatorio de Tuberculosos de pobres!

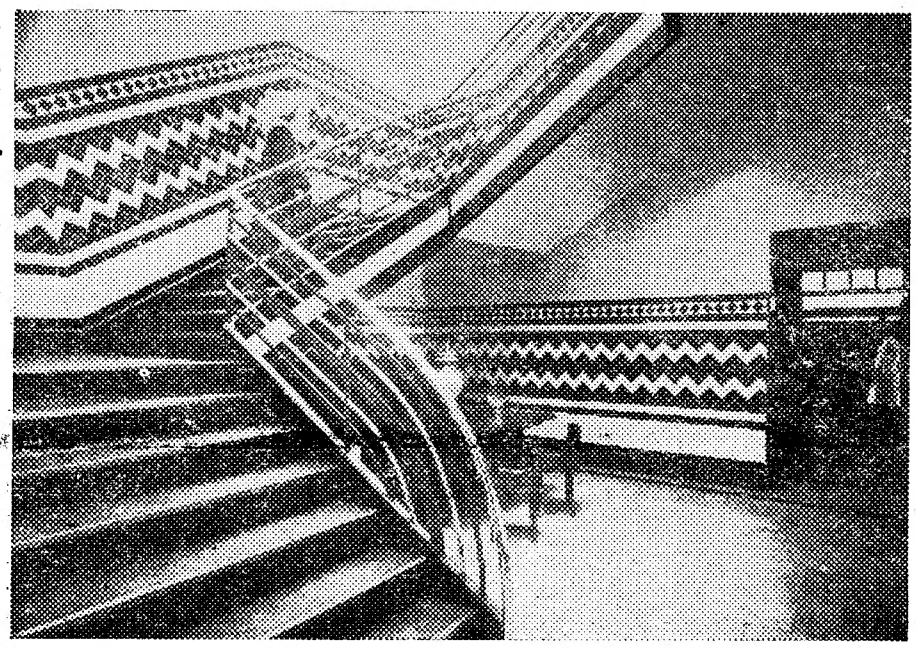
Um grande terraço de cimento armado, dos maiores que temos visto, e onde pode aterrar uma «avionette», corôa uma parte do edificio.

Queriamos falar de um outro Sanatorio, o de Celas, para mulheres, tambem fazendo parte desta obra de conjunto, que começa nos Dispensarios concelhios.

E', com menos grandesa, mas não com menor exigencia, e não com menos harmonia e rigor cientifico, semelhante ao da Quinta dos Vales.

Teriamos dado ao leitor uma impressão fugidia e incompleta, sem preocupações tecnicas, do que isto é? Do que é uma parte desta obra notavel da Junta Geral do Distrito de Coimbra?

N. DE A.



Escada principal do Sanatorio do Quinta dos Vales

EPISODIOS DA GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Em Burgos, quartel-general dos revoltosos

(Dum dos nossos enviados especiais)

BURGOS, 11.—Neste agosto ardente e sequioso ha que entrar na altiva e desconfiada cidade do norte com um bom capacete mirandês. Faz frio! Um vento gelado varre as ruas, e as sombras da noite descem rapidas, deixando apenas nos carucheus da catedral, um vago halo azul ,tão altas elas são, cortando o ceu. Tenho uma primeira impressão desagradavel. Estou numa cidade puramente militar, ou, por outra, essencialmente politica—onde as coisas mais insignificantes têm um dificil e laborioso protocolo. Para se apurar um telegrama insignificante, ha que correr séca e méca, com uma ordenança que o transporta de repartição em repartição, de visto em visto e, quando se esbate um adjectivo ou se rigoriza um substantivo, volta a correr a via-sacra, não vá o jornalista, com uma deslealdade que não é do seu caracter, meter uma entrelinha equivoca.

Burgos é uma cidade de aspecto francês. Talvez, Ruão. O caracter espanhol, sempre tão inconfundivel, não se acusa aqui nitidamente. Ha como que uma transição entre o duro feitio castelhano e o espirito cosmopolita e comercial dos franceses, cujo egoismo se tornou um dos pontos cardiais da existencia.

A' paisagem imovel, triste e silenciosa de *vieja Castilla*, com os seus «pueblos» cremados e os seus vagarosos rios, cheios de sêde,, sucede-se a planicie farta, verdejante, coberta de arvores de fruto, estilizados como uma renda.

A vida da cidade tem agora o seu sistema nervoso no palacio do governo. Dezenas de automoveis, com a bandeira espanhola, que voltou a ser bicolor, sejam a praça, onde o edificio se ergue. Sobre o telhado levantam-se as antenas orgulhosas de «Radio-Burgos», que tanto irritam o governo de Madri. Podem estar interrompidas as comunicações terrestres ou maritimas que, qualquer cidade como esta, em plena revolução, fará conhecer ao mundo o seu pensamento. Resta-lhe a via aerea, larga, difusa, incomensuravel, que é indestrutivel.

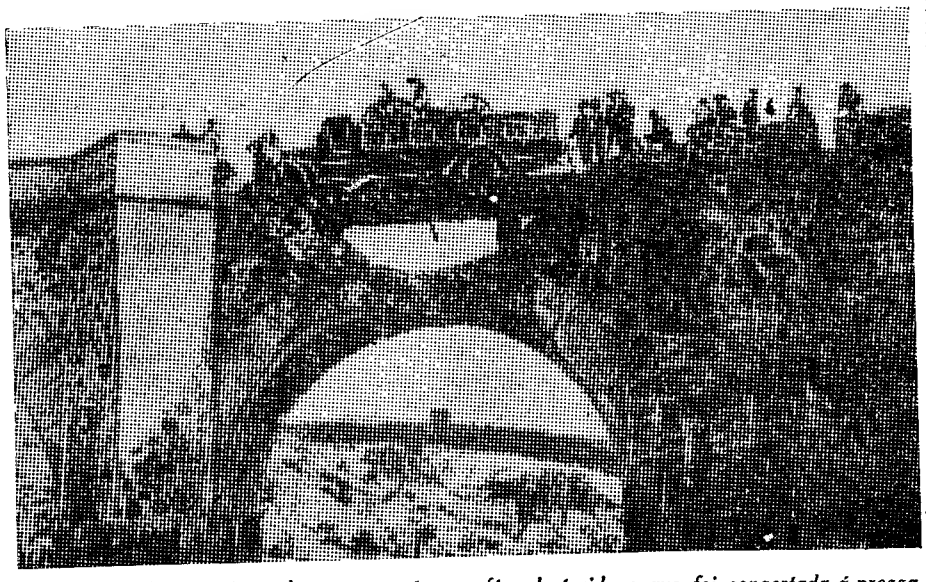
No palacio do governo a actividade é transbordante. Escadarias imensas, salões nobres, repartições, comissões, gabinetes diplomaticos, e este da Imprensa, onde encontro Pujol, com os seus cabelos brancos, fatigado e sempre amavel, entre montanhas de jornais, recortes, informações, fotografias, telegramas, tudo isto dominado pelo ritmo nervoso das maquinas de escrever. Aqui trabalha-se. A maquina politica, em movimento, funciona com um automatismo perfeitamente americano. E' a propaganda em grande estilo, que não descura um pormenor, embora por vezes, não corresponda ás simpatias que se esboçam.

O general Mola está, por enquanto, invisivel. E' um tipo alto, sêco, anguloso, de oculos inteligentes, que fala com sobriedade. Ha que entrevistá-lo através dum questionario, aceitar as respostas, redigi-las, e tornar a mostrá-las. Compreende-se o melindre, está no ambiente da actual situação politica. Mas antes que o general fale, ou antes que escreva, já eu sei qual é o seu pensamento, através dum português com quem, ontem, fóra do jornalismo, largamente conversou. Mola está contente. Madrid não pode sustentar o golpe. Questão de poucos dias. Duas semanas, digo eu, ignorando, totalmente o que se passa no sul.

Ontem foi um dia grande, teria ele acrescentado: «Reconquistou-se» Tolosa, que deu um *festim* de guerra valioso.

As milicias populares não puderam, na precipitação, fazer ir pelos ares a ponte da cidade. O combate foi encarniçado, um dos mais sangrentos da campanha. Quem diz Tolosa, diz San Sebastian. As comunicações internacionais com a França já estão restabelecidas atravez do tunel de Canfranc.

Mola faz apenas uma ligeira objecção: perdeu-se muito tempo no Sul. Ha que recuperá-lo, o mais rapidamente possivel, ligando as forças. E sêco, decidido, voluntarioso, o generalissimo dos exercitos foi conversar com Doval.



A passagem dum camião sobre uma ponte que fóra destruida e que foi consertada á pressa

O caso do bravo comanadnte das falanges de Navalperal de Pinares, tem uma certa importancia. Doval, o militar sem estrelas, não quer aceitar o alto cargo de *Director general de Seguridad* dos territorios conquistados. Viver numa guarnição dá-lhe *asco*, confessa-nos. E' o homem das grandes aventuras, o tipo legitimo dos *conquistadores* á Pizarro, retratados por Valle Inclan. Quer lutar, na *frente* no posto mais perigoso. A sua coluna está pronta a marchar. Mola atendê-lo-á?

São dez horas da noite, geladas, negras, nesta altiva e desconfiada cidade. Os garotos nas *calles* cantam o hino falangista:

Cara al sol con la camisa nueva
Que tu bordaste en rojo ayer
Me allará la muerte se me lleva
yo no te vuelvo a ver.

Brincam ás guerras, com espadas de pau.— *Adelante, vaya hombre!*— exclama um *rubio*, que deve sonhar com Somosierra de gloria. Vou ao telegrafo. Uma grossa cadeia de feno impede a entrada. Ha que entregar o telegrama pelas grades, como se nós ou as sentinelas, estivessemos presos. Regresso. Uma ponte sobre um rio de aguas mortas. A cidade está deserta. Nem sequer o «sereno» cumpre a sua obrigação. No «hall» do hotel, onde venho escrever de emprestimo, encontro o dr. Vanguas Messia, mais subtil do que nunca, que me reconhece, e vai conversar mais longe, com um oficial de faixa azul, que identifica os que pertencem ao estado maior. Está no seu posto, junto do governo, esperando o seu amanhã politico.

ARTUR PORTELA

O que dizem de Madrid

A revolta e a rendição na ilha de Ibiza

MADRID, 14.—O «Mundo Obrero» publica a descrição que lhe fizeram o poeta Rafael Alberti e sua mulher, Maria Tereza de Laon, da forma como viveram durante 15 dias em Ibiza, onde os surpreendeu o levantamento militar. «Logo no principio da sedição—declararam—todos os militantes operarios em evidencia foram presos para terminar a greve geral que havia sido proclamada. Foram presos 20 operaros duma fabrica de calçado, por se recusarem a trabalhar. Quanto a nós eramos procurados. Conseguimos no entanto fugir e embrenharmo-nos num bosque, onde nos conservámos escondidos 15 dias. Os nossos camaradas salineiros traziam-nos viveres, que de resto dia a dia se tornavam mais raros devido ás requisições feitas pelos fascistas, assim como á greve dos pescadores. Um dia vimos voando por cima da ilha um avião das forças leais, lançando proclamações, em que se convidavam os rebedes a render-se. Voltámos a ter esperança. Dias depois navios de guerra governamentais apresentavam-se em frente do porto, começando a bombardear o castelo. Um dos nossos camaradas conseguiu preveni-los de que no castelo se encontravam apenas prisioneiros. De resto, o bombardeamento teve que cessar, porque um navio inglês, desfraldando bandeira branca, chegava para entrar no porto a fim de embarcar diversos subditos britanicos que ali se encontravam em vilegiatura. Antes dos canhões poderem alterar o seu objectivo e voltarem a bombardear, os fascistas fugiram. As forças governamentais desembarcaram sem combater. Reconhecidos pelos milicianos, estes levaram-nos consigo para Valencia, donde chegamos a Madrid».—(Havas).

A marcha das operações no Guadarrama

MADRID, 14.—(Do enviado especial da Havas no Alto de Leon).—Comunicado—«A nota mais saliente do dia de ontem foi a actividade da artelharia e da aviação governamentais. A's primeiras horas da manhã as baterias colocadas na frente do Guadarrama e nas proximidades de Cercedilla de los Moliños romperam o fogo contra os flancos. A artelharia rebelde fracamente respondia. A aviação governamental lançou bombas incendiarias, com grande resultado, nas linhas dos insurrectos. A aviação leal voava formando uma esquadrilha de cinco aparelhos. A infantaria conservou-se inactiva, para deixar á vontade a acção conjunta da aviação e da artelharia. Algumas batarias leais, colocadas na povoação de Los Moliños, bombardearam os rebeldes sem lhes causar sensiveis estragos. O enviado da Havas aproveitou a pouca actividade nesta frente para se dirigir á coluna do coronel Sabio, cujas forças que ocupavam a povoação de Pegurinos marcham em direcção a San Rafael. O alto comando desta coluna manifestou ao enviado da Havas que ficará assim cortado o passo aos rebeldes para o Escorial que, segundo parecia, era um dos objectivos dos insurrectos. Precisamente para evitar qualquer contingencia as autoridades do Escorial, secundadas pelas milicias, prenderam cêrca de 500 homens, a fim de os controlar um por um. Nas buscas a que se procedeu no Escorial encontraram-se documentos e armas».—(Havas).

Noticias varias

MADRID, 14—O jornal «Informaciones» diz que se reune hoje a Deputação Permanente das Côrtes para examinar a prorrogação do estado de alarme em toda a Espanha. A reunião será presidida por Martinez Barrio, presidente das Côrtes.

O mesmo jornal frisa que funcionam normal e legalmente as instituições do povo.

«Informaciones» publica tambem uma nota da Guarda Civil de Barcelona, em que esta declara: «Temos como a mais alta honra sermos leais para com o povo, desprezando a riqueza e as honras que poderia proporcionar-nos a mais criminosa das acções».

«El Sindicalista» publica um artigo do deputado Angel Pestana, em que este desmente categoricamente o boato de que o jornalista Javier Bueno passara para o lado dos rebeldes. Pelo contrario—diz—aquele jornalista socialista encontra-se actualmente á frente da coluna de mineiros que luta na região de Oviedo contra as forças do coronel Aranda.

A «Claridad» diz que as tropas dos rebeldes lançam fogo ás colheitas na Andaluzia. Faz um grande elogio de Julian Besteiro, que enviou 12.160 pesetas para a subscrição aberta a favor das Milicias socialistas e suas familias.

«El Mundo Obrero» diz que «nada ha mais terrivel do que as atrocidades cometidas pelos rebeldes. As tropas, que não têm a coragem de se defrontar com as nossas milicias, tudo destroem e bombardeam cidades. O povo espanhol nunca poderá perdoar tais barbaridades».—(Havas).

As subscrições a favor das milicias governamentais

MADRID, 14—O ministro da Industria recebeu 45.000 pesetas que lhe enviou o pessoal dos Bancos para a subscrição a favor dos feridos e familias dos milicianos. O abastecimento de Madrid continua a fazer-se normalmente. A Frente Popular de Santander mandou para Madrid numerosos camions com queijo e azeite. A Frente Popular de Utiel enviou igualmente grande quantidade de azeite.

Amanhã realizar-se-á um concerto no teatro Zarzuela, organizado pelos chefes de orquestra filiados na União Geral dos Trabalhadores. Neste concerto tomam parte 30 professores de musica. Durante a festa discursará Margarita Nelken, deputada da Esquerda Republicana.

Os meios oficiais informam que a aviação governamental bombardeou as cidades da Extremadura, ocupadas pelos rebeldes, dispersando varias concentrações fascistas.

Amanhã realizar-se-á um festival tauromaquico em Arges Tetuan, nos arredores de Madrid. O produto destina-se a auxiliar as familias dos milicianos.—(Havas).

O general Franco e o tenente-coronel Yague, á saida do quartel general de Sevilha, depois de conferenciarem com Queipo de Llano

Leiam hoje o *SEMPRE FIXE*, jornal humoristico.

O CAMPEONATO OLIMPICO DE "FOOTBALL"

Os primeiros desafios da competição mundial

e a classe dos representantes do Japão

BERLIM, 4 de Agosto.—Ontem e hoje efectuaram-se os primeiros jogos do torneio de «foot-ball». Quatro encontros, dois em cada dia, á mesma hora e em campos muito distantes um do outro, donde a impossibilidade de acompanhar toda a marcha da prova.

Tivemos de escolher nas duas tardes, e não escolhemos mal. Os encontros que fomos ver, foram de facto os mais interessantes.

Devem já ser ai conhecidos os resultados que a seguir indicamos:

Dia 3: Noruega-Turquia, 4-0.
» Italia-E. Unidos 1-0.
Dia 4: Alemanha-Luxemburgo 9-0.
» Japão-Suecia 3-2.

Assistimos aos jogos «Noruega-Turquia» e «Japão-Suecia».

A vitoria dos italianos foi merecida, segundo relatam os jornais. A equipa em conjunto mostrou melhor tecnica. Os americanos jogaram com energia rude, mas dentro das regras. Pecaram por lentidão e foram pouco decididos diante da balisa.

A vitoria dos alemães estava já prevista de antemão. O Luxemburgo sabia que estava eliminado. Não contava talvez levar tantos «goals», mas o resultado deve ter explicação na falta de moral da equipa que entrou para o campo já convencida de que ia perder.

Os alemães fizeram sete «goals» no segundo tempo, pois ao intervalo estavam a ganhar apenas por 2-0.

* * *

A grande surpresa e o grande exito, destes primeiros dias de «foot-ball» foi a vitoria dos japoneses sobre os suecos, que muitos consideram como um dos provaveis finalistas do torneio.

A numerosa representação sueca que está em Berlim—atletas e espectadores—deve ter sofrido uma amarga decepção.

Precalço que a todos podia ter acontecido, mas que os suecos saberão encarar com o seu alto espirito desportivo.

Se o caso se passasse com Portugal, e podiamos ter corrido esse risco se viessemos á prova, os preios gemeriam durante largo tempo.

O resultado final do encontro constituiu surpresa, porque ao intervalo os suecos estavam a ganhar por 2-0 e jogavam no segundo tempo a favor do vento.

Afinal os japoneses bateram-se no segundo tempo com toda a energia e decisão, e pela sua maior rapidez e extraordinaria *endurance*, conseguiram recuperar o terreno perdido e alcançar o «goal» da vitoria a cinco minutos do fim.

* * *

Foi um triunfo alcançado á portuguesa, á base de *genica*. Os suecos demonstraram melhor tecnica, mas os jogadores japoneses foram mais decididos e mais ardorosos na disputa da bola, trabalhando sempre com uma energia formidavel e não fugindo aos choques duros contra adversarios fisicamente mais fortes. Caiam, mas levantavam-se logo para voltar á luta e embaraçar o adversario de qualquer maneira.

O contraste entre as duas equipas era curioso. Alguns dos japoneses pareciam filhos dos suecos, fortes e altos na sua maioria.

A Suecia deve ter porém a sua equipa fora de forma. Alguns dos seus jogadores pareceram-nos pesados e com aspecto de pouco gimnasticados, afirmação esta que chega quasi a ser heresia, em relação a atletas da patria de Ling.

* * *

Os japoneses são essencialmente energicos e rapidos, saltando bem á bola. Vivacidade no genero de Tamanqueiro.

Muito ageis, driblam com facilidade no mesmo lugar e conscientes da sua inferioridade fisica procuram jogar sempre raso.

A sua preocupação de não levantar o jogo foi uma das caracteristicas da equipa que ressaltou com nitidez.

Não evidenciaram primores de tecnica mas têm uma equipa regular, que pela sua rapidez pode desorientar o adversario. Foi isso que sucedeu aos suecos..

Os japoneses jogam com a tatica do medio centro recuado, a servir de terceiro defesa.

Nem sempre tiraram partido dessa disposição dos jogadores, porque os defesas não se arriscam a abrir demasiado para marcar os extremos adversarios e estes jogaram por isso muitas vezes á vontade.

Os avançados jogam quasi que em linha e fecham á medida que se aproximam da balisa, chegando a juntar-se os cinco, dentro da grande area.

Os medios laterais jogam mais sobre o meio que sôbre os lados, para cobrir o espaço que o medio centro deixa vazio em virtude de jogar recuado.

O defesa direito japonês joga de oculos e a-pesar-de ter caido varias vezes na luta dura com os adversarios, nunca lhe sucedeu qualquer precalço.

Segundo vêmos nas gravuras dos jornais, o avançado-centro italiano tambem joga com oculos.

O guarda-rede japonês mostrou possuir classe. Sempre atento e muito seguro. E' o elemento mais alto da equipa, fugindo á estatura media dos companheiros.

Teve largo quinhão na vitoria alcançada pelo seu grupo, pois no ultimo quarto de hora, quando os suecos carregaram em massa para forçar o resultado, foi ele que salvou a situação com três ou quatro defesas de recurso, que podiam ser subscritas pelos melhores europeus.

Na defesa dos cantos que o Japão concedeu com certa insistencia para o final da partida saiu sempre com decisão, saltando por entre o cacho de jogadores para evitar os cruzamentos.

* * *

Os suecos praticam um jogo largo tal como os noruegueses, procurando tirar partido da sua grande estatura. A derrota sofrida deve-se em grande parte á falta de rapidez dos defesas. A equipa deve ter voltado do vestiario com a certeza da vitoria e foi depois surprendida pelos acontecimentos.

Os japoneses fizeram 1-2 aos cinco minutos da segunda parte e na altura do quarto de hora tinham estabelecido o empate.

Houve depois uma luta engraçada entre os partidarios dos dois grupos e que animou a partida.

Os suecos tinham um «coral» afinado, que terminava sempre com uma especie de «ala arriba».

Os incitamentos dos japoneses provocaram larga risota.

Num camarote junto ao terreno um dos dirigentes da equipa fartou-se de gritar para o campo a dar indicações e incitamentos.

A sua linguagem incompreensivel, e sobretudo os seus gestos, fizeram rir toda a gente a bandeiras despregadas.

Um dos espectadores arremedou o japonês, entoando com um a-proposito magnifico um canto tirolês.

Gozámos á farta durante todo o segundo tempo com o japonês em questão, dos mais «gozaveis» que temos visto.

Quando a cinco minutos do fim, um dos avançados japonês marcou o «goal» da vitoria, aproveitando um erro de palmatoria do defesa direito sueco, o entusiasmo do japonês atingiu o delirio.

Nos ultimos momentos do encontro os japoneses tiveram dois «goals» feitos, que perderam inexplicavelmente e que teriam aumentado á surpreza da vitoria a surpreza do «score».

* * *

Em boa verdade deve dizer-se que os suecos não mereciam a derrota. Tiveram alguns remats formidaveis que passaram ao lado e que com um pouco mais de «chance» teriam modificado o resultado final.

A vitoria dos japoneses foi porém bem acolhida pelo publico, que viu nela o justo premio da coragem e energia dos pequenos representantes do Extremo Oriente.

Quando o arbitro apitou para terminar os jogadores japoneses não escondiam o seu entusiasmo. Abraçaram-se uns aos outros no centro do terreno!

Uma especie de Portugal-Jugoeslavia nos jogos de Amesterdão.

Os japoneses sentiram a vitoria e lutaram por ela com ardor nacionalista e verdadeiro espirito de sacrificio.

O publico invadiu o campo e festejou com simpatia os vencedores.

Os seucos aceitaram a derrota como verdadeiros desportistas. Formaram ao centro do terreno e alheios ás manifestações dos espectadores que envolviam os japoneses, tomaram a posição de sentido, comandados pelo seu capitão, saudaram o publico das tribunas e depois, executando meia-volta correcta e precisa, tal como se estivessem no gimnasio, saudaram por seu turno o publico dos peões.

Um exemplo a apresentar aos grupos que não sabem aceitar a derrota sem azedume, e que saem do campo de cabeça baixa ou discutindo o resultado.

E os suecos tinham razão para sentirem a adversidade que lhes batera á porta.

* * *

O jogo Noruega-Turquia, só foi ligeiramente equilibrado na primeira parte, que terminou com 1-0 a favor da Noruega.

Os turcos mostraram-se muito lentos. São fortes mas pouco gimnasticados. Um dos defesas é um verdadeiro colosso. Pouca rapidez de execução.

Recebiam a bola mas tardavam a desembaraçar-se dela, permitindo a intervenção dos adversarios.

O publico, aliás muito escasso, incitou os turcos mas estes embora carregassem por vezes não mostraram decisão diante da balisa. Faltou-lhes remate.

O seu guarda-rede cometeu varios erros de palmatoria e contribuiu para apressar a derrota da equipa.

O terreno, escorregadio e muito mole, pareceu constituir grossa desvantagem para os turcos.

Os noruegueses mostraram-se mais á vontade. Jogam claramente dentro do sistema inglês, exagerando até a colocação atrasada do medio centro, que chegou a jogar atrás dos defesas.

O avançado-centro que nos pareceu já veterano foi no entanto o mais perigoso elemento do grupo e o que evidenciou maior classe.

Joga em flecha, á frente, desmarcando-se bem e fugindo com facilidade.

Como é baixo e pouco forte, sofreu um pouco na luta dura e sem treguas que lhe deram os dois defesas turcos, dois pesos-pesados.

* * *

Em proxima cronica darei impressões dos arbitros e dos campos onde se têm disputado os encontros, alguns de acomodações modestas, mas que têm chegado para as assistencias pouco numerosas das eliminatorias.

As meias-finais já serão disputadas no Estadio Olimpico. O campo de Hertha, onde se jogou o Japão-Suecia, tem as vedações em cima do rectangulo. Ha talvez o espaço de um metro nos lados e dois metros nas cabeceiras: os extremos têm dificuldade em marcar os «cantos».. O publico está positivamente em cima dos jogadores. O piso do terreno é que nos pareceu esplendido, muito cuidado, muito igual.

RIBEIRO DOS REIS

O TORNEIO DE «FC

Os concorrentes a

BERLIM, 6 agosto—Ontem e hoje dispu taram-se os ultimos encontros dos oitavo de final, com os seguintes resultados:

Austria-Egipto 3-1.
Polonia-Hungria 3-0.
Peru-Finfandia 7-3.
Inglaterra-China 2-0.

Só podemos assistir ás vitorias da Austri e da Inglaterra. Dizem-nos que o Peru fe uma excelente exibição contra a Finlandi pelo que não perderemos o seu proxim encontro com a Austria nos quartos de f nal.

O «foot-ball» sul-americano, embora - presentado desta vez pelo menos categori zado dos seus elementos, dispõe-se a mai car outra vez a sua classe.

Foram apurados para os quartos de fin os seguintes paises: Noruega, Alemanha, Ita lia, Japão, Austria, Peru, Polonia e Ingla terra.

A ordem dos encontros é a seguinte:

Dia 7: Noruega-Alemanha e Italia-Japã
Dia 8: Austria-Peru e Polonia-Inglaterr

Se os peruanos são realmente bons com nos afirmaram, não é dificil prever um final Alemanha-Peru.

Pelo que temos visto, a Alemanha é d longe superior aos restantes concorrente e se Portugal tem vindo ao torneio devi fazer boa figura.

Nos dois jogos a que assistimos ontem hoje, a qualidade do «football» praticad esteve longe de poder agradar.

Os austriacos e os ingleses ganharam c seus encontros, mas causaram-nos grand decepção.

Com treinadores competentissimos com os dois paises possuem—Jimmy Hogan est em Berlim com o onze austriaco—e dispond de elementos dotados de excelentes recur sos fisicos, é de estranhar o facto.

E' possivel que ambas as equipes tenhar jogado abaixo do seu valor, em tarde de m disposição, mas o certo é que não corres ponderam ás tradições do «football» de am bos os paises.

Aguardemos os restantes jogos para recti ficar o nosso parecer.

A Inglaterra com um vasto campo - selecção na sua frente—pois os jogadore foram recrutados nos quatro paises do Rei no Unido—e com uma organização escola tão cuidada, tinha obrigação de afirma uma maior classe.

O onze representativo de Inglaterra viu se em apuros para se impor aos chineses Chegou-se ao intervalo com o resultado en 0-0 e sem que os ingleses tivessem dad mostras de superioridade nitida.

As concepções de tactica de conjunto fo ram rudimentares. A equipa jogou um tant ou quanto desarticulada, vivendo os medio muito longe da linha de ataque.

No capitulo de execução tecnica, nenhun elemento conseguiu ferir as atenções ge rais.

Depois de alcançarem um «goal» aos 1 minutos do segundo tempo e de terem re petido a façanha dez minutos depois, os in gleses assentaram então mais e jogaran melhor.

Tiveram alguns remates fortes, mas com má direcção ou muito altos.

* * *

O contraste entre os dois estilos foi ma nifesto.

Os ingleses dentro da toada já conhecid de jogo largo, com grandes cruzamentos Jogo sem complicações, sem arabescos, qu visa apenas o objectivo de chegar depress á balisa.

Os chineses praticam o passe curto e ra so. Na disposição das linhas adoptam tactica semelhante á da maioria dos clube portugueses. O medio centro não tem preo cupações exclusivamente defensivas, ao con trario do que vimos fazer ao seu colega ja ponês.

Duma maneira geral a estatura é igual á dos japoneses. Só o medio centro foge á me dia, pois é um jogador forte e alto.

Batem-se como os japoneses, sem medo, lutando sempre ardorosamente. Não obstante os ingleses serem mais altos e mais fortes, os chineses não tiveram desvantagem no jogo alto porque saltam bem, e nunca fugiram aos embates duros.

Os chineses foram punidos com bastante frequencia porque são mal intencionados a desarmar os adversarios. Estilo *raspadeira* Atiram-se para o chão, com golpes de pernas, e se passa a bola não passa o jogador.

Este facto deve ter desorientado um pouco os ingleses, que não podiam aceitar a luta

Um erro, dizer-se "Longe"..

Não ha recanto de Portugal, que esteja «longe»...

Com os «bilhetes de banhos», bilhetes de excursão, bilhetes de «fim de semana», bilhetes de ida e volta, e tantas outras modalidades de redução de preços, a **C. P.** venceu a distancia...

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses—Trafego—Telef. 2 4031—Lisboa.

UM SÓ CHAPEU "PALMARES"
Loja das Melas — Rossio

Clinica da Trindade

Consultas das especialidades por médicos especialisados.—Agentes fisicos.—PARA A CLASSE MÉDIA. Maximo confôrto. Minimo preço.
R. DA TRINDADE, 12, 1.º — Tel. 24124

Chá Li-Cungo

O melhor
Qualidade extra-fina

Este chá sem rival é muito apreciado pelo seu finissimo aroma e delicioso paladar.
A' venda nos bons estabelecimentos de todo o Pais
COMPANHIA DA ZAMBEZIA
O Chá Li-Cungo vende-se exclusivamente em latas ou pacotes e por isso nenhuma casa o pode vender a granel

OTBALL» DE BERLIM

os "quartos" de final

de perto com os adversarios que cometiam quasi sempre *foul*.

Os japoneses sob esse aspecto deixaram impressão diferente. Batem-se com o mesmo ardor e energia, mas dentro de grande correcção.

Na ultima meia-hora do encontro os chinenses cederam bastante, porque o sistema que põem em pratica acaba por exgotá-los, pois exige um enorme dispendio de energia.

* * *

O representante de «football» do Extremo Oriente tem sido no entanto muito apreciado. Era aguardada com curiosidade, por desconhecida, e constituiu uma revelação.

Ao falar-se no «football» chinês, não conseguiamos abstrair do antigo rabicho...

Afinal, em vez da nota comica ou ridicula, japoneses e chineses deram boa conta de si, revelando aptidões e recursos e demonstrando que devidamente orientados e nas mãos de treinadores habeis, são capazes de chegar onde chegam os outros.

* * *

Os chineses apresentam uma inovação: traziam numeros nas camisolas, tal como no «rugby». Realmente eles são tão parecidos uns com os outros, que só pelos numeros os podiamos distinguir com facilidade

E pelos nomes tambem era dificil. Os chineses são quasi todos Ling, Long, San—como os japoneses são quasi todos Takahashi e Tatsuhara, e como os egipcios são Mohammed e Mustafa...

A equipa dos chineses era: camisola azul escuro, calção branco e meias encarnadas.

Os japoneses jogam de azul celeste, com uma camisola perfeitamente igual á do Belenenses.

Os amadores ingleses apresentaram-se com a sua já tradicional equipe: camisa branca e calção preto.

Os austriacos equipam como os ingleses. A Noruega apresentou-se de encarnado, á Benfica. Os egipcios, de camisola verde, igual á do Chelas.

* * *

O jogo China-Inglaterra teve uma assistencia muito regular, a maior dos jogos a que temos assistido.

A colonia chinesa, que é bastante numerosa em Berlim, fez-se representar em larga escala. Estavam muitos chineses na geral com bandeirinhas do seu país, e antes do inicio do jogo entoaram varios gritos de saudação e incitamento para os seus representantes.

Uma *claque* organizada e que soube desempenhar o seu papel até final.

Mesmo quando o grupo estava a perder por 2-0, não cessaram de animá-lo.

Um exemplo para os entusiastas dos nossos clubes, que só sabem gritar quando o seu «team» menos precisa dos seus incitamentos....

* * *

O encontro Austria-Egipto não teve interesse. Pode dizer-se mesmo que foi um mau jogo. Pouco brilhante e sem emoção.

A maioria dos jogadores egipcios é de negros. Os amadores austriacos são fortes e altos. Constituição atletica, igual se não superior ao «onze» que Hugo Meisl levou a Portugal.

Em valor tecnico é que os amadores austriacos, estiveram longe dos seus compatriotas que pudemos admirar no Porto.

A reputação mundial que o «onze maravilha» criou no «football» austriaco, exigia mais e melhor desta representação que veio a Berlim.

Os austiacos—pelo menos neste jogo—demonstaram pouca precisão e pouca rapidez de execução.

O guarda-redes austriaco defendeu brilhantemente um «penalty», com vista e consciencia, sendo abraçado e beijado pelos colegas.

O jogo foi quasi sempre duro e o arbitro teve de fazer vaias advertencias, acatadas com o maior respeito, valha a verdade.

Na fase final do encontro os egipcios limitaram-se a destruir para não deixar avolumar o resultado.

O «onze» egipcio pecou por falta de eficacia.

Passam e repassam a bola duns para os outros, para traz e para os lados, no estilo do antigo Vitoria de Setubal, mas não tiram vantagem do sistema, porque demora muito a progressão no terreno, dando tempo a que os adversarios se organizem depois de batidos.

E lembrarmo-nos que o «team» egipcio que em 1928 nos eliminou em Amesterdão, impedindo-nos a entrada nas meia-finais, era pior do que este!—RIBEIRO DOS REIS

OS JOGOS OLIMPICOS DE BERLIM

Como são disputadas as provas de atletismo

nas quais se destacam os americanos

As provas oficiais de atletismo começaram no domingo.

Não assistimos ás eliminatorias efectuadas na parte da manhã. Fomos para o Estadio apenas á tarde. Todos os meios de transporte vão á cunha. Pelas ruas a animação é extraordinaria.

A' organisação modelar dos Jogos sob o ponto de vista desportivo, corresponde uma noção exacta do acontecimento por parte de toda a população da cidade.

Berlim compenetrou-se do seu papel.

Vivemos em perfeita Feira Internacional do desporto!

Por toda a parte se vêm bandeiras e distintivos.

Nos comboios, pilhados nas proprias maquinas, nos taxis, nos carros, nas montras, nas janelas, a bandeira branca com os simbolicos aneis olimpicos e a bandeira nazi, vermelha, com a cruz gamada.

Ha predios embandeirados de alto a baixo. Em cada janela uma bandeira. Nas arterias principais e nas praças, ha verdadeiros corredores e rotundas de bandeiras vermelhas, algumas de dimensões formidaveis.

Que esplendido negocio para os vendedores do artigo!

Berlim, sob esta vestimenta de bandeiras vermelhas, parece uma cidade de papoilas!

* * *

Tal como na vespera, na cerimonia de abertura o vasto recinto está completamente cheio. Interessante o contraste entre o verde do rectangulo e a côr das pistas para os saltos e corridas, num tom de ferrugem, que oferece novidade.

Os minimos pormenores de organização para que nada falte, e o programa horario cumpre-se á risca, sem compassos de espera.

Enquanto num dos lados se disputam as eliminatorias de 100 metros, numa das cabeceiras lança-se o dardo e na outra salta-se em altura.

Os alto-falantes indicam ao publico a composição das eliminatorias, o numero, nome e país dos concorrentes.

E logo a seguir a cada corrida, a classificação e o tempo são tambem anunciados e pouco depois insertos num quadro enorme que está ao fundo do Estadio.

Para maior elucidação nos lançamentos ha em cada canto do campo uma caixa que nos dá em numeros grandes, bem visiveis, as distancias alcançadas por cada concorrente, logo a seguir á indicação fornecida pelo locutor. Junto á pista de saltos em altura, um indicador quadrangular, vai elucidando o publico de todos os lados do campo sobre as diferentes tentativas.

As pistas são passadas logo a seguir ás provas.

O rolo e o cilindro entram imediatamente em acção. O sitio das partidas merece cuidados especiais. Batido e cilindrado fica como novo. As linhas são vamiam logo avivadas, com uma especie de carrinho de mão, que um funcionario conduz pacientemente para cá e para lá.

* * *

Nas corridas tem havido poucas falsas partidas. Os concorrentes saem a tempo, sem tentar bater a pistola do juiz de partida.

Este dá ás vezes bastantes passadas, e tem os corredores seguros nos seus lugares.

Nas meias finais e na final de 100 metros, não obtante a importancia da prova justificar nervosismo por parte dos concorrentes, nenhum deles saiu antes do tempo.

A pistola do juiz que dá a partida está ligada por um fio a qualquer aparelho registador.

Sobre a meta, na linha de chegada, nada menos de 20 juizes, 10 de cada lado, escalonados a alto. E para esclarecer duvidas a chegada é filmada por uns operadores de cinema instalados numa torre junto á meta.

O sistema já serviu para apurar a 3.ª classificação duma eliminatoria de 100 metros em que os juizes não chegaram a acordo.

* * *

Na prova de saltos em altura classificaram-se para a final 22 concorrentes, todos os que pasaram 1m.65.

O apuramento foi por isso demoradissimo começaram a saltar ás 15 horas e só ás 18,30 estava designado o vencedor, o preto japoneses saltam de muito longe, fazendo quasi que um salto em comprimento sobre a barra.

A distancia do balanço para o salto é medida com todo o cuidado pelos concorrentes. Por uns a passos; por outros mesmo com fita metrica.

A' tentativa dos 2 metros chegaram cinco concorrentes: 3 americanos, 1 finlandês e 1 japonês.

americano Johnson que ganhou com 2,03, tendo falhado as três tentativas que fez para transpor 2m,08 o que lhe permitiria bater o «récord» do mundo que lhe pertence com 2m,06.

A variedade de estilos é enorme. Johnson saltou 1m,90 sem tirar o fato de abafo. Os

Só os três americanos e o finlandês passaram os dois metros.

Como o apuramento é muito demorado a prova durou mais de três horas, os concorrentes depois de cada salto descansam no terreno, devidamente abafados—alguns em mantas—para não esfriarem.

* * *

O preto americano Owens é o rei do «sprint», marcando uma superioridade esmagadora sôbre os restantes corredores. Ganha como quer, o olhar para traz e para os lados para saber quanto leva de avanço.

Não foi apertado. No quarto de final em que estabeleceu o novo «récord» do mundo (10,2)—que já lhe pertencia mas que não fôra ainda homologado—entrou com seis metros de avanço!

Quando os concorrentes alinharam para a final dos 100 metros fez-se no estadio um silencio impressionante. Corriam 3 americanos, 1 holandês, 1 sueco e 1 alemão.

O juiz de partida foi colocar-se a uns bons 15 metros á rectaguarda dos corredores para dar o sinal. Owens galhou á vontade, seguido do seu colega de côr, Metcalfe, o vencedor de Los Angeles ha quatro anos atrás.

O holandês Osendarp, que cortou a meta em 3.º lugar, e que foi o unico europeu que teve a honra de figurar nos três primeiros postos, dava pulos de contente no final da prova.

* * *

No lançamento de peso talvez porque o terreno estivesse excessivamente mole, os maximos alcançados foram modestos.

O americano Torrance detentor do «récord» do mundo com 17m,40 foi uma desilusão. Não chegou aos 15 metros. O alemão Woelke ganhou bem mas só com 16m,20.

Torrance faz a preparação para o lançamento estendendo a perna para trás e não efectuando o balanço á frente, como vulgarmente vemos entre nós e como aqui faziam quasi todos os outros concorrentes.

* * *

Na corrida de 10.000 metros os filandeses açambarcaram os três primeiros postos!

Paavo Murmi, o antigo campeão, e actual preparador da equipa, em artigo recente, mostrava-se desiludido com o valor dos seus especialistas, cehgando a declarar que nas provas de meio fundo e fundo os finlandeses não conseguiriam classificar-se.

Afinal, os três representantes da Finlandia opuzeram a esse informe um desmentido formal.

As 25 voltas do percurso—pois a pista do Estadio tem precisamente 400 metros de perimetro—só deram luta interessante entre os 3 filandeses e o japonês que fez mais de metade da prova sempre á frente e que resistiu brilhantemente quando encaixado entre os três.

Os finlandeses fugiram quando a sineta tocou para a ultima volta e puzeram então o japonês a uns 15 ou 20 metros de distancia, e acabaram por ganhar com cerca de 50 metros de avanço. O japonês—tipo Feliciano Gonçalves—apesar de baixo, tem uma excelente passada, igual á dos finlandeses.

Em 5.º lugar classificou-se Zabala, o argentino que foi o vencedor da Maratona de Los Angeles, e que não deve ter correspondido ás esperanças que nele depositaram os seus compatriotas.

A luta entre os dois primeiros decidiu-se sôbre a linha de chegada. O vencedor ganhou por 2/10 de segundo.

A nota comica da prova foi fornecida por um corredor indio, muito esgrouviado, estilo Ghandi, e que corria com um lacinho verde no alto da cabeça. Despertou risota geral. Ao cabo de seis voltas já levava meia volta de atrazo e acabou por desistir quando perdera já uma volta.

* * *

A primeira vitoria que se registou no Estadio foi a da prova de dardo feminino, ganha pela alemã Fleischer com 45m,18.

E efectuou-se pela primeira vez com todo o aparato, a cerimonia protocolar olimpica da coroação dos vencedores diante da tribuna de honra.

Escusado será dizer que o entusiasmo atingiu o delirio, quando a musica tocou o hino alemão, entoado em coro por todo o publico, ao mesmo tempo que nos mastros de honra subiam as respectivas bandeiras.

RIBEIRO DOS REIS

Vida desportiva

As regatas internacionais da Figueira da Foz

A dois dias das provas internacionais de remo, a Figueira manifesta já um movimento anormal.

Todas as tardes as tripulações inscritas, nacionais e estrangeiras sulcam o estuario do Mondego em exercicios de treino preparativos de uma vitoria sempre problematica e acêrca da qual, os mais ousados vão fazendo previsões confrontando a tecnica e vigor combativo de uns e de outros.

Devido ás dificuldades de transportes levantadas por motivo dos acontecimentos da nação vizinha, não poderão deslocar-se dos seus países em termos de chegar a tempo das provas para que estavam inscritos, as «équipes» italiana e espanhola.

Este aborrecido facto á ultima da hora comunicado telegraficamente á Comissão Organizadora, não tira ao campeonato nem o interesse nem as caracteristicas internacionais que lhe são dadas pelas fortissimas tripulações, francesa, belga e inglesa, presentemente já na Figueira.

Os bilhetes para os lugares reservados na avenida Saraiva de Carvalho, onde está instalada a pista de chegada, podem ser requisitados á Comissão de Turismo e encontram-se á venda, no proprio local, nos dias das provas.

Um torneio de atletismo

O Club de Footbal «Os Belenenses» realiza amanhã e depois de amanhã, no seu campo de jogos, um torneio de atletismo para disputa da taça «Mario Lopes» na categoria de «juniors».

As provas começam amanhã, ás 18 horas, e no domingo ás 15.

«Rallye» á Povoa de Varzim

O «Rallye» á Povoa de Varzim—mais uma organização do Automovel Club de Portugal — deve resultar um acontecimento desportivo interessantissimo. As inscrições são em numero elevado. A partida é dada, amanhã, pela manhã, chegando os concorrentes á Povoa nesse mesmo dia, á tarde, a fim de disputarem no domingo as provas complementares.

As taças têm estado expostas na Ourivesaria Eloy e são realmente belos trofeus dignos duma boa competição desportiva.

A direcção do Cruz Quebrada

O Grupo Sport Cruz Quebrada, uma das mais antigas instituições desportivas da capital, reuniu em assembléa geral, colocando á cabeça da sua direcção o sr. dr. João Carlos de Faria Nordeste, jovem advogado, cuja inteligencia tem brilhado em variadas facetas de actividade.

Ha assim a certeza de que o Cruz Quebrada cumprirá a sua missão dentro da vida desportiva do país.

«Rallye» Automovel á Figueira da Foz

Por iniciativa do «Club dos 100 á hora» realiza-se nos dias 5 e 6 de setembro proximo, o «Rallye» Automovel á Figueira da Foz, com a colaboração da Camara Municipal e Comissão de Iniciativa daquela cidade, e do Casino Oceano.

As partidas efectuar-se-ão da Figueira da Foz, Lisboa e Porto, no dia 5, realizando-se no dia 6 na Figueira as provas complementares. Haverá duas categorias de carros.

O monumento a Camilo

As razões da sua transferencia para o Parque de Benfica

Por proposta do presidente da Comissão Administrativa do Municipio, foi resolvido, na sessão de ontem, que o monumento a Camilo Castelo Branco, da autoria do falecido escultor Aujos Teixeira, seja colocado no Parque Silva Porto, em Benfica.

Damos, a seguir, as explicações de que o sr. general Daniel de Sousa fez preceder a sua proposta:

«Resolveu a Camara Municipal, de acordo com o Conselho de Estetica Citadina, estudar para a Avenida da Liberdade e seu prolongamento, prestes a iniciar-se, um projecto de arranjo estetico, em que se inclua a colocação de monumentos que, no seu conjunto, obedeçam a um plano geral e uniforme. A recente deliberação municipal, que mandou retirar daquela arteria citadina algumas obras escultoricas que nela se encontravam, é consequencia ja dessa intenção. E por isso se não podia igualmente colocar no Parque Eduardo VII, onde havia sido localizado, o monumento a Camilo Castelo Branco, da autoria do falecido escultor Anjos Teixeira.

Consultado o Conselho de Estetica Citadina sobre o local onde tal monumento se deveria erguer, esse organismo emitiu parecer, com excepção de um voto, de que ele não era digno, sob o ponto de vista estetico, de figurar em qualquer praça, rua ou jardim da capital. Todavia, considerando o facto de se ter feito representar no juri que aprovou a respectiva *maquette*, as despesas que a sua realização acarretou já, e tambem que se trata duma obra da autoria dum artista ilustre que, embora pudesse ter sido menos feliz na execução desse trabalho, ainda ha pouco foi consagrado numa exposição póstuma realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes, a Camara Municipal, manifestando toda a consideração pelo parecer autorizado do Conselho de Estetica Citadina, resolveu mandar colocar o monumento em local um pouco mais excentrico do que qualquer daqueles que estava inicialmente escolhido».

CORREIO AEREO

Aceitam-se na Estação Central dos Correios correspondencias-avião a expedir vias França e Alemanha.

Sabado até ás 13 horas—para todos os destinos.

Depois das 13 e até ás 21 horas, só correspondencias destinadas a Países da Europa.

—Aterrou ontem em Alverca o trimotor da Aero Portuguesa, com passageiros de Tanger e correio de Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

O avião regressa amanhã ali, levando malas postais para os mesmos destinos e para a Europa e outros países.

Exames

Com a classificação de 14 valores, terminou no Conservatorio de Lisboa, o 3.º ano de composição, a menina Regina Guedes da Costa aluna do eximio professor sr. Emilio Diniz Lopes.

COMPANHIA DOS TELEFONES

Aos amadores de defraudar

Cabines publicas

A Companhia dos Telefones, tem o desgosto de comunicar que a brigada especial de policia que anda em fiscalização aos Quiosques e Cabines de Moeda, tem prendido numerosos individuos, em especial «estudantes», que depois de passarem uma noite detidos, têm sido postos em liberdade a pedido de altas entidades e das familias vexadas pelo seu procedimento; previne a Campanhia que de futura fará seguir os seus tramites os casos que venham a dar-se, deixando de atender quaisquer pedidos e entregando o caso completamente á Policia e aos Trinais.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

PORTUGAL ULTRAMARINO

A reforma prisional nas colonias

Sob a influencia das modernas correntes doutrinarias, a Carta Organica do Imperio Colonial Português consignou na secção intitulada—Do regime preventivo e repressivo dos crimes—os principios da *individualização da pena e da readaptação do delinquente.*

Assim, dispôs que para a prevenção ou repressão dos crimes haverá penas e medidas de segurança que terão por fim a defesa da sociedade, da unidade nacional e da soberania portuguesa e, tanto quanto possivel, a readaptação do delinquente.

Estabeleceu que nas colonias de Angola, Moçambique, India, Cabo Verde, Guiné e Timor não se aplicaria mais a pena de degredo para outra colonia e que as condenações, a que, pela lei penal em vigor, correspondesse essa pena, seriam cumpridas *dentro da propria colonia em local apropriado,* podendo, todavia, os Governos de S. Tomé e Macau fazer cumprir o degredo, respectivamente, em Angola e Timor.

O regime penal aplicado aos *indigenas* deverá corresponder, em cada colonia, ao seu *estado social e modo de ser individual,* principio essencial que deve ter em atenção a reforma das leis penais e prisionais.

Indigena, segundo a letra da Reforma Administrativa Ultramarina, é o individuo não integralmente adaptado á civilização ou cultura portuguesas.

O Estatuto Politico, Civil e Criminal dos Indigenas considera indigena o individuo de raça negra ou dela descendente, que pela sua ilustração e costumes se não distingam do comum daquela raça, e o Diploma Organico das relações de direito privado entre indigenas e não indigenas considera como tal o individuo a quem se aplicar o referido estatuto.

Vêm estas observações acerca da definição legal do indigena a proposito do emprego pelo legislador do termo *indigena,* que poderia fazer supôr que para o não-indigena o regime penal e prisional devesse ser outro; mas essa compreensão da lei conduziria ao absurdo visto que a Carta Organica consigna os principios culminantes que informam as modernas tendencias em materia juridico-penal.

O emprego daquele termo obedeceu ao intuito de frisar a integração do regime penal e prisional do elemento indigena no pensamento actual, que preside á reforma de tal regime.

Se bem que tivesse mantido o sistema penitenciario, o decreto n.º 20.877, de 1932, estatuiu o cumprimento da pena maior no regime de trabalho agricola, ou predominantemente agricola.

Reconheceu-se a ineficiencia do antigo sistema de colonização penal ultramarina e a necessidade da aplicação do trabalho dos condenados ao arroteamento de terras virgens, de propriedades particulares e de baldios incultos.

Partiu o legislador do principio de que a pena perdeu o *conceito classico de intimidação* para revestir o *caracter reeducativo,* evoluindo do sistema de reclusão para o do trabalho ao ar livre, e reconheceu a necessidade da criação de *colonias agricolas penitenciarias,* nas quais o tempo de internamento corresponderia á pena de degredo complementar da prisão celular.

Verificou-se, pois, a ineficacia do regime a que se sujeitavam os condenados, quer sob o ponto de vista economico, quer sob o aspecto regenerativo. A Carta Organica, como já se viu, aboliu de uma maneira geral o degredo, que ficou substituido pelo cumprimento da pena na proxima colonia e em local apropriado.

O decreto n.º 26.643, recentemente promulgado, cria três modalidades de prisões gerais—a das «cadeias comarcãs», para a pena de prisão até três meses, onde se exerce o principio intimidativo; a das «cadeias centrais» para as penas de prazo superior, de caracter educativo e regenerador, com obrigatoriedade de trabalho, e a das «cadeias penitenciárias», para a prisão maior, destinadas aos grandes criminosos.

Cria outrossim prisões especiais, conforme a natureza dos delinquentes: prisões-escolas, prisões-sanatorios, maternidades, prisões-asilos, prisões para anormais, prisões para criminosos de dificil correcção, prisões para criminosos politicos, colonias penais no ultramar para quasi incorrigiveis e delinquentes politicos, refugios, reformatorios, colonias correcionais etc.

E' complexa a reorganização dos serviços prisionais.

Enfeixa um conjunto de medidas tendentes á subjectivação da pena.

Não é nosso intento fazer aqui um estudo analitico da reforma ultimamente levada a efeito.

Aqui simplesmente temos em vista focar a necessidade que há de pôr em execução as disposições da Carta Organica, que aboliram o degrêdo, determinando que as condenações a que correspondesse essa pena fossem cumpridas na propria colonia, em local apropriado e em regime que atendesse á individualização da pena.

Aqui houve subordinação a êste principio da moderna criminologia, dentro de um critério dualista, intimidativo e reeducativo, da função da pena.

Torna-se mister que se dê execução ás disposições da Carta Organica, procurando adaptar ás colonias, tanto quanto possivel, a reorganização referida.

As «cadeias penitenciarias» poderão ser substituidas por «colonias penais agricolas», que, não obedecendo inteiramente áquele dualismo da função penal, satisfaz, todavia, a função economica e o fim educativo.

E nas Colonias onde há grandes extensões de terra virgem e de terrenos incultos, muito convirá um regime prisional, que tenha em atenção o desenvolvimento economico, isto é, que transforme o condenado em elemento propulsor da economia colonial pela aplicação da sua actividade principalmente em trabalhos agricolas.

Evidentemente que na reforma dos serviços prisionais nas Colonias, não se poderá perder de vista as populações criminosas e os recursos financeiros, havendo até colonias onde é impossivel a adopção de um sistema prisional complexo, como o que se legislou para a metropole, pela sua deminuta população criminosa, e escassos recursos financeiros, que não permitem a manutenção de todos os estabelecimentos necessarios á realização do principio da individualização da pena e do pessoal tecnico preciso.

Nestas colonias a reforma dos serviços prisionais não poderá deixar de ser incompleta e imperfeita.

Nas colonias de Angola e Moçambique ela poderá revestir uma certa amplitude.

A reforma prisional nas colonias é uma medida que se impõe.

MARIO FERRO

PREVENÇÃO

BILHARES AUTOMATICOS

(LARANJINHA DE SALA)

A Sociedade Portuguesa **CAVAN** previne todos os interessados que a **Patente de Invenção n.º 17.702,** referente ao invento **BILHAR AUTOMATICO** (Laranjinha de Sala), só ela a pode explorar conforme autorização, estando sujeitos quaisquer transgressores a procedimento judicial.

Lisboa, 11 de Agosto de 1936.

O Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa CAVAN

O Coliseu dos Recreios

completa hoje 46 anos de exploração teatral

RICARDO COVÕES

O Coliseu dos Recreios, a grandiosa e monumental casa de espectaculos que, no seu genero, não tem igual no mundo, inaugurou-se, faz hoje precisamente 46 anos, com uma companhia italiana que cantou nessa noite a opera comica «Bocacio». Este facto constituiu um acontecimento de sensação na vida citadina daquela epoca.

As obras para esta edificação tinham começado, em 1888, por grandes desaterros, sob o projecto do arquitecto francês Goulard. A cupula, em ferro e vidro, magnifica obra de engenharia foi feita em Berlim pelo engenheiro Hein Lehann e armada no proprio local, á altura do solo. A' medida que se iam levantando, depois, as paredes, ia a cupula subindo.

A inauguração foi a 14 de agosto de 1890. Toda a Lisboa daquela tempo se sentia orgulhosa desta monumental construção.

A historia do Coliseu, nestes 46 anos de actividade, é longa e brilhante, devendo-se-lhe a maior parte das inovações artisticas registadas entre nós.

Ricardo Covões, com a sua visão lucida, tenaz persistencia, vontade de ferro e nobre isenção, alargou o ambiente de actividade do Coliseu, elevando o prestigio do nosso teatro, com a apresentação quasi constante dos melhores artistas do mundo em quasi todos os generos de espectaculo, com o auxilio prestado aos artistas portugueses que precisavam de quem lhes désse a mão no inicio das suas carreiras e levando ás camadas populares, mercê dos infimos preços, a cultura que proporcionam sempre os belos espectaculos de arte e de beleza.

Passaram por ali os melhores cantores do mundo e tambem os nossos mais notaveis, como Tomaz Alcaide, José Rosa, Raquel Bastos, Mota Marques, Isabel Fragoso, Duarte de Almeida, Isaura Calado, Fernanda Corte Real, Isaura Gariga e tantos outros cujos nomes constituem a historia do canto no nosso país, nestes ultimos anos.

As excelentes condições acusticas da sala têm sido demonstradas pelas grandes audições sinfonicas e de orfeons, que lembram os nomes dos nossos maestros Fernandes Fão, Rui Coelho, Pedro de Freitas Branco, o falecido Francisco de Lacerda e ultimamente o dr. Ivo Cruz com as repetidas audições, sempre triunfais, do Requiem de Berlioz. E quando as orquestras estrangeiras, estão ainda na memoria do publico os sucessos delirantes dos concertos da Orquestra de Madrid dirigidos pelo maestro Perez Casas e os que Strauss regeu.

Esse prestigio, de que tradicionalmente goza o Coliseu, vem radicando-se cada vez mais no espirito publico á medida que as suas iniciativas se alargam.

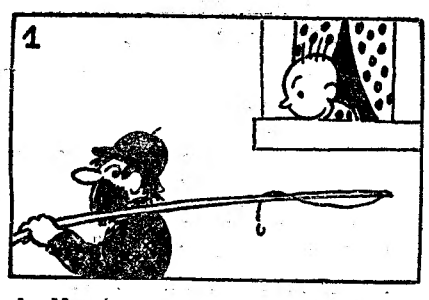
Ricardo Covões não se esquece tambem das crianças, ás quais proporciona, gratuitamente, «matinées» cheias de alegria, além de subsidios que entrega a varias escolas e casas de beneficencia, instituindo premios anuais para os alunos mais classificados.

São bem conhecidas as festas de beneficencia no Coliseu, onde muitas das nossas mais importantes agremiações vão procurar o equilibrio dos seus cofres.

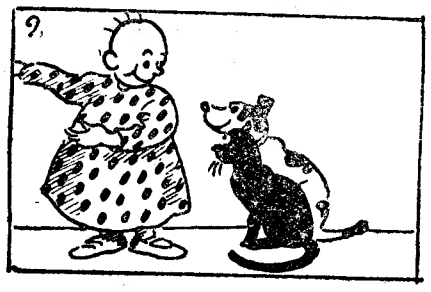
Não é, pois, demais que, a par dos parabens ao nosso amigo, sr. Ricardo Covões, registemos o aniversario do Coliseu, a casa de espectaculos que tão importante papel tem representado na vida artistica do nosso país.

PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANECAS



I—Manécas, estando á janela, vê com mágoa que o vizinho sapateiro vai á pesca.



II—E como é da Protectora, dá instruções ao Piloto para evitar que o sapateiro dê cabo dos peixinhos.

III—Obedecendo ás ordens recebidas, o fiel cão traz ao dono todo o calçado velho que encontra nas ruas e nos caixotes de lixo...

IV—... e Manécas despeja tudo aquilo no sitio onde o vizinho costuma pescar.

V—O sapateiro, depois dalgumas horas de impaciencia, desespera-se, por não pescar senão calçado velho...

VI—... e volta para a oficina, dizendo com os seus botões: —«Quem te manda a ti sapateiro armar em pescador?».

As criadas da rainha Rosa

A rosa da nossa historia nascera lindissima. Metia todas as outras num chinelo, por isso não duvidou que era a rainha das flores.

Sentia-se tão superior ás companheiras, que logo resolveu gosar a vida como uma privilegiada.

Precisava criados que a servissem, lhe limpassem as folhas da poeira, as protegessem do vento, da bicharia e as conservassem bem orvalhadas.

Mandou então um bezouro que passava fazer este anuncio:

—Quem quizer ser a criada,
da Rainha Dona Rosa,
terá bem boa soldada
da patrôa generosa.

Veio uma borboleta oferecer-se.

Com ar humilde disse á rainha das flores:

Se me quizeres por criada,
numa dansa muito alada,
tanto ás asas baterei
que assim te protegerei,
e nem um grão de poeira,
nem uma palha da eira,
nem forte golpe de vento,
terão o atrevimento,
de vir sobre ti pousar,
enquanto eu aqui voar!...
enquanto eu aqui voar!...

Mas a rosa franziu as folhinhas, toda crispada de inveja, ante a beleza da borboleta.

As suas asas multicôres, tão lindas que até pareciam flôres voando, atraiam demais as atenções.

Isso não lhe convinha, pois só queria que para ela olhassem.

E a rosa despediu a borboleta, dizendo que não desejava ao ser serviço, um bicho tão espalhafatoso.

Apareceu depois uma mosca varejeira e propôs:

—Senhora rainha Rosa:
eu sou muito cuidadosa,
muito activa e diligente...
além disso, faço frente,
a todo o mau aranhão
que venha, na intenção,
de a pôr um pouco mais feia,
fazndo aqui sua teia.

Aquele bicho, vestido dum esmalte verde mais brilhante que a folhagem das flores, não agradou, tambem, á rosa toleirona.

Para fazer vista, bastava ela no jardim.

E a varejeira levou o mesmo caminho da borboleta.

Chegou a vez duma lagarta, feia, mesmo muito horrenda, vir contratar-se como criada.

A rosa, mal a viu, logo pensou:

Esta, que é tão feia,
—ó que bela idéa!—
Tê-la por criada!...
Não fico ofuscada;
sendo feia assim,
quem me vier vêr
—escuso dizer!—
que olha só para mim!...

Muito amavel, exclamou alto:

—Serás tu minha criada,
e farás tua morada,
nas minhas folhas mimosas,
nas minhas folhas cheirosas!...

A medonha lagarta não quiz ouvir mais nada...

Rasteirinha, muito sonsinha, foi-se introduzindo entre as finas petalas da linda rosa.

Os meus amiguinhos calculam bem que serviço destruidor ela ali fez!

Pendida na haste, meio desfalecida, a que fôra a formosura do jardim perdeu, num instante, beleza e frescura!

Quem engordava a olhos vistos, está bem de vêr, era a glutona da lagarta, que ia roendo, petala por petala, a vaidosa que a quizera para criada.

O que qui fica escrito, prova que a vaidade, tanto nas flores como nas pessoas, dá sempre mau resultado!

Se todos se contentassem com a sorte que Deus lhe deu, quem sabe se as feias lagartas teriam, neste mundo, rosas para roer?

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

DIGNIDADE PORTUGUESA

Antigamente os reis andavam ao desafio a vêr qual era a côrte mais rica, a que dava festas mais lindas, a que deslumbrava mais o mundo, com as suas joias, as suas sedas, a sua sumptuosidade.

A côrte portuguesa, brilhou sempre entre as outras, e, principalmente no tempo de D. João V, esse brilhantismo, fazia parecer por vezes, que se estava vivendo um conto das mil e uma noites, tal era a riqueza que por toda a parte se espalhava, com o ouro vindo do Brasil.

Era costume mandarem os reis, Embaixadas aos outros países ou em sinal de agradecimento por qualquer mercê recebida, ou em missão particular ou politica.

E essas Embaixadas eram compostas pelos melhores fidalgos, e mais nobres cavaleiros.

Ora uma vez foi mandado em missão diplomatica á Turquia, um conde português, cuja altivez e dignidade eram conhecidas por toda a parte.

Quando entrou na sala de Audiencia viu com espanto que o Sultão mandára sentar todos os seus ministros, não lhe reservando cadeira nenhuma para ele se sentar.

Percebeu perfeitamente que o tinha feito de proposito, por insolencia e não por esquecimento, mas não perdendo a linha, e como se fosse a coisa mais natural deste mundo, tirou a capa dos ombros, colocou-a no chão, e, sentou-se em cima. Expôs em seguida o motivo da sua missão, com um sangue frio e uma presença de espirito extraordinarios, ficando o Sultão deveras atrapalhado com semelhante atitude.

Quando a audiencia acabou, o nosso conde levantou-se, fez a sua reverencia e saiu com o mesmo ar de grande senhor, deixando a capa no chão, como se lhe não pertencesse.

O Sultão mandou-o chamar, e disse-lhe, em ar ironico, apontando a capa que continuava estendida no chão:

—Senhor conde, esqueceu-lhe a sua capa.

O conde ebpertigou-se, e respondeu com firmeza e altivez:

—Os embaixadores, d'el-rei, meu senhor e amo não costumam levar consigo as cadeiras em que se sentam...

E, voltando as costas, saiu, sem dizer mais nada, deixando o Sultão boquiaberto.

Lições de cortezia desta natureza, deram-nas os portugueses em toda a parte e em todos os tempos, e como estamos com os exames á porta eu quiz dar-lhes uma lição de historia.

TAUROMAQUIA

Amanhã, sabado, 15, nas Caldas da Rainha, Nuncio e Procopio com desembolados

Grande e sensacional tarde de toiros amanhã 15 nas Caldas da Rainha, com um curro puro e de casta espanhola, do sr. Faustino da Gama, como cavaleiro João Branco Nuncio, de inegualavel mestria, e com o esplendido toureiro Julio Procopio, que, como tem feito com extraordinario exito por muitas Praças e ha anos, lidará á espanhola, nos três tercios, dois toiros desembolados, trabalho em que é o unico artista português.

Na lide equestre tambem toma parte o cavaleiro amador ribatejano Fernando Salgueiro, de quem dizem louvores os bons aficionados, e no toureio a pé Francisco Gonçalves e Carlos Santos, dois goleganenses de merito, Plá Flores e Alfarero, dois espanhois que bem apreciados se têm tornado como excelentes peões de brega.

Nas pegas estará, valente, unido e sabedor como sempre; o magnifico grupo que Edmundo de Oliveira, o campeão das pegas de cara, chefia.

Corrida de beneficencia

Na praça de Sobral de Monte Agraço realiza-se amanhã uma corrida de vacas, cuja organização se deve aos esforços do administrador daquele concelho, sr. Eusebio Pinheiro, combatente da Grande Guerra.

O produto reverte a favor da Assistencia publica e da delegação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Leiam hoje o *SEMPRE FIXE*, jornal humoristico.

FINALMENTE, O DOMINGO!

—Seis dias de trabalho intensivo cansam, depauperam o organismo...

—Ao domingo, o bem merecido descanso. Arejem-se os pulmões, sorva-se o ar puro da serra...

—Sai de Lisboa (estação do Rossio) ás 9 horas; de Sintra, ás 10 e 25; atravessa em auto-carro a serra de Sintra, passando por Colares, Almoçageme, Malveira, e chega a Cascais ás 11 e 20.

—Parte de Cascais ás 11 e 35 e chega a Lisboa ás 12 e 12. Vem almoçar a sua casa.

Não quere estas horas? Escolha os comboios e carreiras de caminhetas que mais lhe convierem...

E esta esplendida digressão, se fôr em 2.ª classe, custar-lhe-á

MENOS DE 20 ESCUDOS

A estação do Rossio vende bilhetes de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes para todo o percurso, inclusivé o das caminhetas.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses—Trafego—Telef. 2 4031.

Cruzada Nun'Alvares

Para serem distribuidos pelos nossos pobres recebemos da Cruzada Nacional D. Nun'Alvares Pereira 10 escudos de um bodo com o qual aquela patriotica colectividade celebrou o dia de Nun'Alvares. Os nossos agradecimentos.

UM BOM CONSELHO

Não percam esta ultima noite do programa de maior exito de cinema no Coliseu, despedida do grandioso filme: «No reino da selva», com Noah Beery Jr. e Dorothy Short, em arriscadissimos lances em plena floresta, com leões, tigres, leopardos, hienas e outras feras.

Um espectaculo soberbo, a preços baratissimos e que ainda contém a maliciosa e engraçadissima comedia «Curto circuito», com a interpretação de seis estrelas cinematograficas, entre as quais Eline Lendi e Esther Ralston, duas das mais formosas vedetas americanas; o filme de atracções «Uma noite bem passada» e o documentario «Fundão e arredores». Amanhã: estreia e unica exibição da belissima super-produção «Variedades», com Adabella, Fernand Gravey e Jean Gabin; «Sangue na guelra», filme de aventuras, com Kermit Maynard e 4 esplendidos complementos. Domingo (em matinée» e á noite): porgrama completamente diferente.

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

HOJE, O DIA É MEU!...

Quantas vezes se pronunciam estas palavras e se exprime o justo desejo de fugir á monotonia de todo os dias...

Manhã cedo, parte de Lisboa (estação do Rossio) para Sintra. Almoça, em Sintra, nos Hoteis «Costa", "Neto" ou "Nunes", á sua escolha.

Toma o auto-carro que o conduz ao Estoril. Janta nos Hoteis "do Parque" ou "de Italia" tambem á sua escolha.

Regressa, á noite, no comboio, a Lisboa.

O DIA FICAR-LHE-Á SÓ POR

42$00

—viagem em 2.ª classe (em 1.ª, 48$00), almôço e jantar

A' partida de Lisboa — pode tomar qualquer comboio, até ás 13 horas.

A' partida do Estoril — pode tomar qualquer comboio, até ás 6 horas do dia seguinte ao da venda do bilhete.

....Bilhetes á venda na estação do Rossio

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 2619

Dr. Armando Narciso—Medicina, Coração e pulmões—5 h.
Dr. Bernardo Vilar—Cirurgia Geral. operações—5 h.
Dr. Miguel de Magalhães—Rins e vias urinarias—12 ás 14 h.
Dr. Correia de Figueiredo—Pele e sifilis—5 h.
Dr. Loff—Doenças nervosas, electroterapia—2 h.
Dr. Mario de Matos—Doenças dos olhos—2 h.
Dr. Mendes Bello—Estomago, figado e intestinos, 3 h.
Dr. Silva Nunes—Doenças das crianças—5 e 30.
Dr. Casimiro Afonso—Doenças das senhoras, operações—2 h.
Dr. Francisco Calheiros—Garganta. nariz e ouvidos—4 h.
Dr. A. Carvalho Dias—Nutrição e impaludismo—4 h.
Dr. Armando Lima—Bôca e dentes, protese—12 h.
Dr. Aleu Saldanha—Raio X—4 h.
ANALISES CLINICAS

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

SERVIÇO DE CONTABILIDADE CENTRAL
Caixa de Reformas e Pensões
EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anuncio, correm éditos de 30 dias para se habilitarem, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguesses, os herdeiros de Manuel Rodrigues, chefe de 1.ª classe — agente de transmissão em Figueira da Foz, Divisão de Exploração, contribuinte n.º 387, á pensão de sobrevivencia por ele legada, como contribuinte da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 1887, concorrendo á sua divisão ou impugnando os pedidos já feitos em requerimento de sua viuva Maria de Jesus Rodrigues e sua filha solteira Mercedes.

Findo este prazo será tomada deliberação, na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 29 de Julho de 1936.

O chefe do Serviço da Contabilidade Central
a) *Manuel Barqueira*

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

Serviço de Via e Obras

Até ao dia 1 de setembro proximo, recebe esta Companhia propostas para a venda, no local onde se encontra sobre cavaletes de madeira, do antigo tabuleiro metalico da ponte de Mortagua, ao quilometro 74,200 da linha.

As condições de venda encontram-se patentes todos os dias uteis, das 9 e 30 ás 12 e 30 e das 14 ás 18 horas, no Serviço de Via e Obras da Companhia, em Figueira da Foz.

Figueira da Foz, 31 de julho de 1936.

O Engenheiro Director da Exploração
Fernando D'Arruda

O maior Stock de aparelhos fotograficos aos preços das fabricas
Agencia Fotografica
R. da Prata, 205-207
T. 26613

Quem aprecia um bom cigarro só com papel ZIG-ZAG.
Havaneza Chiado — LISBOA.

Dr. José Bonito

Doenças das senhoras e crianças
PARTOS — Clinica Geral

Consultorio: P. do Brasil, 48-1.º Telef. 4 0239 — Das 11 ás 13 e das 17 as 19 - Residencia: R. Ferreira Borges, 129-1.º Tel. 4 0240

Maquinas Escrever Roial

reconstruidas na America, vendem-se ou trocam-se por maquinas usadas.
R. Arco Bandeira, 133, 1.º
Telef. 2 5741

5$00

Semanais, todos podem adquirir **Relogios de todas as marcas**, joias e objectos de ouro e pratas, inscrevendo-se ja, no sistema de Vendas a Prestações, **com Bonus em todas as lotarias prazo de pagamento 30 semanas**, podendo o objecto ser adquirido á primeira prestação **somente por 5$00. F. de Sousa Torroais**, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 26508.

DR. ALBINO PACHECO

Curas pela hormonoterapia
R. NOVA DA TRINDADE, 7

Jornais

RUA DA ROSA, 57, 2.º
Vendem-se a peso

Praia da Adraga

PAVILHÃO OCEANO
Telefone Colares 25

PRIMOROSO SERVIÇO DE RESTAURANTE

Almoços: Três pratos, pão, vinho e fruta — 10$00 esc.
Jantares: Sopa e três pratos, pão, vinho e fruta — 12$00 esc.

CHARUTOS QUO VADIS ?

recomendam-se estes Charutos aos apreciadores de bom tabaco

ODALISCAS
VENI VIDI VICI

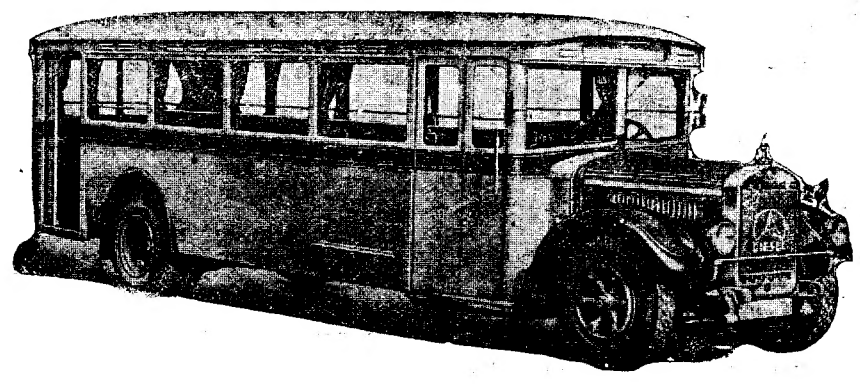
as mais finas e aromaticas

A' venda nas tabacarias

Fabricantes: **José Tinchant y Gonzalès & Cie., Anvers (Belgica)**
Representantes: **Charles E. le Goullon & C.º, Rua do Alecrim, 21-A — Lisboa**

Raposas de qualquer qualidade. O proprietario da Pelaria Confiança previne todas as Senhoras e freguesas desta casa, que **recebeu grande remessa,** assim como **ÉCHARPES** de **SKUNKS. PELARIA CONFIANÇA,** é na rua da Palma, n.º 3, unica casa aonde não se paga luxo. Malinhas para senhora, ultimas novidades, fabricadas expressamente para esta casa. Malas para Viagem, o que ha de melhor, e em conta. Na **PELARIA CONFIANÇA** fazem-se todos os consertos nestes artigos.

Companhia Sintra-Atlantico



Carreiras diarias para uma das mais lindas e saudaveis regiões do Paiz

SINTRA, GALAMARES, COLARES, PRAIA DAS MAÇAS E AZENHAS DO MAR

Carros electricos a todos os combolos em Sintra
Bilhetes de banhos e Assinaturas

Carreiras de AUTO-CARS entre AZENHAS DO MAR-LISBOA

(Largo de S. Domingos, 11)

Azenhas do Mar	P. 8	h. e 15,55 h.	(dias uteis)
"	" 8	" " 17,30 "	(domingos e feriados)
Lisboa "	" 10	h. e 18,- "	(dias uteis)
"	" 10,30	" " 19,30 "	(domingos e feriados)

Carreiras entre Sintra — S. Pedro

Informações: Rua da Prata, 122 — Telefone 2 5359
Excursões a todo o País

CARTAZ

TEATROS

Variedades—A's 21 e ás 23—«Morena-Clara».

CINEMAS

Coliseu—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.
Pavilhão Português- A's 21.
Capitolio—A's 21.
Condes—A's 21 e 15.
Palacio—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Paris.—A's 21 e 15.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Belem-Jardim—A's 21.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Jardim Cinema—A's 21 e 15.

A. C. P.

comunica que o

XVII EXPRESSO POPULAR

vai á **FIGUEIRA DA FOZ**

Domingo, 16 de Agosto

Ida e volta..... 30$00

Marcação de lugar 2$50

Horario: Lisboa-Partida 8-10; Entre-Campos 8-22; Figueira chegada, 12-9. Part. 21-15; Entre-Campos cheg. 1-13 —Lisboa 1-24.

Bilhetes á venda no Escritorio de Informações da Estação do Rossio.

Esclarecimentos pelo telefone 2 4031 Trafego—Santa Apolonia.

Pensão e Restaurante Popular

7, Rua Luz Soriano, 9 — LISBOA

A casa que melhor serve e mais barato fornece. Magnificos almoços e jantares para fóra desde 6$00, entrega-se ao domicilio. Sempre menus variados e esmerado asseio. Aceitam-se pensionistas a preços especiais.

Serviço por lista e mesa redonda

Sabe-lhe mal

o café que toma?!...

A culpa é sua.
Se o comprasse n'A MARIAZINHA já isso lhe não sucedia...

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á Igreja de S. Domingos)

Capristano & Ferreira, L.da

BOMBARRAL *Telefone 33*

HORARIO DAS CARREIRAS DE AUTO-CARROS

Carreiras	Horas de partida
Lisboa—Leiria	7,00—12,3 —16,30
Lisboa—Peniche	7,30—14,3 —17,30
Lisboa—Nazaré—Alcobaça	8,30—14,30—19,45
Lisboa-Nazaré	17,30
Lisboa-Lourinhã-Bombarral	18,30
Nazaré-Lisboa	6,30
Peniche—Lisboa	6,55—8,10—10,50 14,35—15,20
Leiria—Lisboa	7,50—15,00—19,00
Alcobaça—Nazaré-Lisboa	7,35—10,05—14,15
Bombarral-Lourinhã—Lisboa	7,30
Peniche-Caldas da Rainha	6,55—8,10—10,50 15,20—19,50
Caldas da Rainha—Peniche	9,25—12,25—17,30 20,20—21,55
Peniche-Torres Vedras	8,45—16,00
Torres Vedras-Peniche	11,20—19,50
Alcobaça-Nazaré. . (a)	12.00—21,45
Nazaré-Alcobaça. . (a)	8,15—17,00.

(a) **Estas carreiras dão e recebem ligação de Lisboa**

Com ligação em Leiria com a carreira do Porto
Lisboa—Porto ás 7,00—12,30
Porto—Lisboa » 7,40—12,30

Partidas de Lisboa { Largo de S. Domingos, 11 letra A (Palacio Conde de Almada) TELEFONE 2 1003